

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
ESCOLA DE ENFERMAGEM DE RIBEIRÃO PRETO

“PROSTITUIÇÃO DE ADOLESCENTES”: uma  
imagem construída na adversidade da sociedade

*Stella Maris Nogueira Botelho*

Dissertação apresentada à Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, para obtenção do Título de Mestre em Enfermagem em Saúde Pública, junto ao Departamento de Enfermagem Materno-Infantil e Saúde Pública, inserida na linha de pesquisa: Assistência à Criança e ao Adolescente.

Ribeirão Preto - SP  
2003

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
ESCOLA DE ENFERMAGEM DE RIBEIRÃO PRETO

*“PROSTITUIÇÃO DE ADOLESCENTES”: uma  
imagem construída na adversidade da sociedade*

*Stella Maris Nogueira Botelho*

Dissertação apresentada à Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, para obtenção do Título de Mestre em Enfermagem em Saúde Pública, junto ao Departamento de Enfermagem Materno-Infantil e Saúde Pública, inserida na linha de pesquisa: Assistência à Criança e ao Adolescente.

*Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria das Graças Bonfim de Carvalho*

Ribeirão Preto - SP

2003

## **FICHA CATALOGRÁFICA**

Preparada pela Biblioteca Central do Campus  
Administrativo de Ribeirão Preto / USP

Botelho, Stella Maris Nogueira

Prostituição de Adolescentes: uma imagem construída  
na adversidade da sociedade. Ribeirão Preto, 2003.  
142 p. 30cm

Dissertação de Mestrado, apresentada à Escola de  
Enfermagem de Ribeirão Preto/USP – Departamento  
Materno-Infantil e Saúde Pública – Área de concentração:  
Enfermagem em Saúde Pública.

Orientadora: Carvalho, Maria das Graças Bonfim.

1. Prostituição. 2. Adolescente. 3. Família.
4. Violência.

Data da Defesa: 28 / 11 / 2003

**Banca Examinadora**

Prof. Dr. \_\_\_\_\_

Julgamento: \_\_\_\_\_ Assinatura: \_\_\_\_\_

Prof. Dr. \_\_\_\_\_

Julgamento: \_\_\_\_\_ Assinatura: \_\_\_\_\_

Prof. Dr. \_\_\_\_\_

Julgamento: \_\_\_\_\_ Assinatura: \_\_\_\_\_

Prof. Dr. \_\_\_\_\_

Julgamento: \_\_\_\_\_ Assinatura: \_\_\_\_\_

Nada acontece por acaso, ... Ao terminar uma das entrevistas, tocava uma música ao fundo, que sempre me fez acreditar na importância de sua mensagem para a vida das crianças e adolescentes.

Uma das entrevistadas, ao sair comigo do quarto após a entrevista, apresentava lágrimas nos olhos quando me disse que bastaria que sua vida tivesse sido um pouco mais iluminada, para que não precisasse estar ali naquele momento. “*É essa música fala tudo ... tudo o que eu não tive oportunidade de viver ...*”.

### ***A LUZ QUE ACENDE O OLHAR***

(Cuccioli – Versão: Dudu Lobo. Interpretação Deborah Blando)

A luz que acende o olhar,  
Vem das estrelas no meu coração,  
Vem de uma força que me fez assim,  
Vem das palavras, lembranças e flores regadas em mim.

O tempo pode mudar, a chuva lava o que já passou  
Resta somente o que eu já vivi, resta somente o que ainda sou.

A luz que acende o olhar,  
Vem pelos cantos da imaginação,  
Vem por caminhos que eu nunca passei,  
Como se a vida soubesse de sonhos que eu nunca sonhei.

Vem no infinito da estrela cadente, do espelho da alma,  
Dos filhos da gente, de algum lugar, só pra iluminar.  
A força vem de onde eu venho, de tudo que acende,  
E a vida calada me olha e entende o que eu sou,  
Tudo que é maior, vem do amor, ... vem do amor.

A luz que acende o olhar, vem dos romances que viram poesia,  
Vem quando quer, se quiser, se vier, vem pra acender e mostrar o amor que a gente  
não viu, vem como um passe de pura magia,  
Como se o visse e jurasse que há tempo já te conhecia.  
Vem no infinito da estrela cadente, do espelho da alma,  
Dos filhos da gente, de algum lugar, só pra iluminar,  
A força vem de onde eu venho, de tudo que acende  
E a vida calada, me olha e entende, o que eu sou, tudo que é maior,  
Vem da luz que acende o olhar,  
Vem das histórias que me adormeciam,  
Vem do que a gente não consegue ver,  
Vem e me acalma, me traz e me leva, pra perto de você, ...  
E me leva, ... Mais pra perto de você.

*Ao meu Pai, que apesar da breve passagem de dezessete anos pela minha vida, vem me conduzindo com seus valores e virtudes, fazendo com que eu continue a cultivar e compartilhar com todos aqueles que estiverem ao meu lado, o desafio de mais uma conquista.*

*À Roberta, minha pequena grande menina, que tem proporcionado tão somente alegrias e ensinamentos com seu jeito especial de ser. Espero ter e estar contribuindo em seu processo de desenvolvimento e amadurecimento, para que possamos juntas compartilhar e conviver plenamente o adolescer, ... que breve chegará !*

## **AGRADECIMENTOS**

---

*A Deus, por ter me concedido a existência nesta vida, me confiando a missão de ser mãe, aprimorar o meu aprendizado pela eternidade e superar os desafios, mesmo diante das adversidades da vida.*

*À Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Maria das Graças Bonfim de Carvalho, que desde sempre tem representado um exemplo a ser seguido, com seu jeito especial de ser, delicada, companheira, amiga, disponível e compartilhando seu saber, contribuindo a todo momento e intensamente para a elaboração deste estudo e para o meu crescimento pessoal e profissional. Muito Obrigada!!!*

*Ao Prof. Dr. Romeu Gomes, que com sua inestimável sabedoria, me ensinou a estudar e pensar como pesquisadora, que com os seus conhecimentos na temática muito ajudou, me conduzindo na construção e conclusão deste estudo.*

*À Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Maria Aparecida Tedeschi Cano, que com simplicidade muito contribuiu com seu saber na área da saúde da criança e do adolescente, me incentivando incondicionalmente.*

*A todos os docentes das disciplinas que frequentei, por terem feito parte desta caminhada, em que o conhecimento apreendido foi extremamente válido e conclusivo para este estudo.*

*Aos funcionários da Seção de Pós-Graduação e do Departamento de Enfermagem Materno-Infantil e Saúde Pública da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, por terem sido tão prestativos nos momentos que necessitei de ajuda.*

*Às funcionárias da Sala de Leitura “Glete de Alcântara”, pela dedicação e ajuda prestada em todos os momentos solicitados.*

*Aos companheiros da pós-graduação, por termos compartilhado desta jornada, caminhando rumo ao “Desafio do Conhecimento”.*

*A todas as profissionais do sexo, que passaram pela minha vida, em especial àquelas que contribuíram neste estudo com suas “Histórias de Vida”, acrescentando e enriquecendo minha vida, meu trabalho e aperfeiçoamento profissional.*

*Aos meus familiares, em especial minha mãe, minhas irmãs e meu irmão, pela compreensão da minha ausência em alguns momentos, pelo companheirismo, incentivo e apoio incondicional durante todo o caminhar neste estudo e por toda a trajetória da minha existência.*

*À Silvia Cristina de Souza Dib, amiga irmã de todas as horas, de todos os momentos de alegria, de tristeza ou contentamento. Obrigada por você existir, respeitar e acreditar que sempre valerá o esforço de continuar vivendo e lutando por um ideal!*

*À Silvia Helena Possati Moraes, amiga, companheira de luta no trabalho do Núcleo de Prevenção e Redução de Danos, que sempre me incentivou, apoiou, e acreditou nos objetivos e conteúdo deste estudo.*



*À Fátima Regina de Almeida Lima Neves, Coordenadora do Programa Municipal de DST/Aids, por ter aceitado a realização deste estudo em nosso campo de trabalho, pela confiança e oportunidade que tem me concedido de estar ao seu lado aprendendo e aperfeiçoando a minha prática.*

*Ao Fernando, agente de saúde, amigo e companheiro, que muito me ajudou no trabalho de campo com as profissionais do sexo e na fase da coleta dos dados, principalmente nos momentos que juntos compartilhamos das mesmas angústias e sentimentos de impotência diante de Histórias de Vida tão marcadas pelas adversidades.*

*Ao Sr. Dirceu, motorista que há anos vem trabalhando comigo, pela sua sensibilidade, solidariedade e cooperação em todos os momentos, facilitando e ajudando em todo o processo de trabalho que vem sendo realizado.*

*À Maria do Socorro pelo interesse no estudo e pela realização da revisão ortográfica com carinho e dedicação.*

*Enfim, a todos aqueles que, de alguma forma, contribuíram direta ou indiretamente com este estudo e estiveram ao meu lado nesta jornada.*

**RESUMO**

**SUMMARY**

**RESUMEN**

**CERTIFICADO DE ÉTICA**

<b>1</b>	<b>Introdução .....</b>	<b>1</b>
1.1	A Construção e Delimitação do Objeto de Estudo .....	2
1.2	Objetivo .....	22
1.3	Pressupostos do Estudo .....	23
<b>2</b>	<b>Bases Teórica e Conceitual .....</b>	<b>25</b>
2.1	Adolescência: Risco, Vulnerabilidade e Resiliência .....	26
2.2	Gênese da Prostituição .....	39
2.3	Prostituição na Adolescência: Interfaces com a Instituição Familiar ....	52

<b>3</b>	<b>O Caminho Metodológico .....</b>	<b>68</b>
3.1	Definindo o Modelo de Pesquisa .....	69
3.2	Instrumento Utilizado na Coleta de Dados .....	72
3.3	Caracterização do Campo de Estudo .....	75
3.4	A Análise dos Dados .....	80
<b>4</b>	<b>Resultados e Discussão .....</b>	<b>84</b>
4.1	Caracterização dos Sujeitos .....	85
4.2	Histórias de Vida: A Experiência .....	88
4.2.1	Núcleo Temático 1 – Em Cena: O Contexto Familiar .....	88
	Sub-tema 1: Relações Familiares Conflituosas .....	89
	Sub-tema 2: A Violência Intrafamiliar .....	98
4.2.2	Núcleo Temático 2 – Prostituição: O Cotidiano Perverso .....	105
4.2.3	Núcleo Temático 3 – Expectativas de Futuro .....	119
	<b>Considerações Finais .....</b>	<b>124</b>
	<b>Anexos .....</b>	<b>129</b>
	<b>Referências Bibliográficas .....</b>	<b>132</b>
	<b>Autorização para reprodução e divulgação do documento .....</b>	<b>142</b>

## RESUMO

BOTELHO, S. M. N. **Prostituição de Adolescentes:** uma imagem construída na adversidade da sociedade. 2003. 142 p. Dissertação de Mestrado – Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto. Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto.

Este estudo foi realizado devido ao exercício da prática de intervenção que vem sendo realizado junto às profissionais do sexo, constatando um grande contingente de adultas jovens que haviam se inserido na prostituição desde a adolescência, considerada como um agravo à saúde e uma forma de violência que interferem no pleno processo de crescimento e desenvolvimento das adolescentes. O estudo teve, como recorte, a prostituição feminina de adolescentes, com o objetivo de conhecer e analisar o seu contexto e o seu significado, por meio da experiência da prostituição na adolescência. Como referencial teórico e conceitual, foram adotadas a adolescência com ênfase no risco, vulnerabilidade e resiliência; a gênese da prostituição e as interfaces da instituição familiar com o fenômeno. Foi utilizada a metodologia com abordagem qualitativa, por se tratar de uma investigação social, permitindo penetrar num mundo polêmico repleto de adversidades que se revelam sob várias dimensões: histórica, cultural, social, política e econômica. Considerou-se a modalidade de Pesquisa Estratégica que orienta para os problemas que surgem na sociedade, lançando luz sobre os aspectos da realidade, permitindo construir um conhecimento amplo, reflexivo e profundo. O estudo foi realizado com adultas jovens, profissionais do sexo, que exerceram ou exercem a prática da prostituição em três bairros da área norte de Ribeirão Preto. Para a coleta de dados no trabalho de campo, foi utilizada a técnica de História de Vida Tópica e o método para o

tratamento e análise dos dados foi realizado através da análise de conteúdo proposta por Bardin. Pelos relatos obtidos das entrevistas com os atores sociais, foi possível relacionar três núcleos temáticos de alta complexidade, identificados como o contexto familiar com suas relações conflituosas e a presença de diversas formas de violência; o cotidiano perverso da prostituição e as expectativas de futuro.

Palavras-chave: Prostituição, adolescente, família, violência.

## SUMMARY

BOTELHO, S. M. N. 2003. **Prostitution of Adolescents:** an image built in the adversity of the society. 142 p. Dissertação de Mestrado – Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto. Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto.

This study was accomplished due to the exercise of the intervention practice that has been accomplished the professionals of the sex close to, verifying a great contingent of adult young that had inserted in the prostitution from the adolescence, considered as an offence to the health and a violence form that interfere in the full growth process the adolescents' development. The study had, as cutting, the adolescents' feminine prostitution, with the objective of to know and to analyze your context and your meaning, through the experience of the prostitution in the adolescence. As theoretical and conceptual referencial, were adopted the adolescence with emphasis in the risk, vulnerability and resilience; the genesis of the prostitution and the interfaces of the family institution with the phenomenon. The methodology was used with qualitative approach, for treating of a social investigation, allowing to penetrate in a replete controversial world of adversities that are revealed under several dimensions: historical, cultural, social, politics and economical. Was considered the modality of Strategic Research that it guides for the problems that appear in the society, throwing light on the aspects of the reality, allowing to build a knowledge wide, reflexive and deep. The study was accomplished with adult youths, professionals of the sex, that exercised or exercise the practice of the prostitution in three neighborhoods of the north area of Ribeirão Preto. For the collection of data in

the field work, it was used the technique of History of Topical Life and the method for the treatment and analysis of the data was accomplished through the content analysis proposed by Bardin. For the obtained reports of the interviews with the social actors, it was possible to relate three thematic nuclei of high complexity, identified as the family context with your conflicting relationships and the presence in several violence ways; the daily perverse of the prostitution and the future expectations.

Key-words: Prostitution, adolescent, family, violence.

## RESUMEN

BOTELHO, S. M. N. 2003. **La prostitución de Adolescentes:** una imagen construyó en la adversidad de la sociedad. 142p. Dissertação de Mestrado – Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto. Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto.

Este estudio era la deuda cumplida al ejercicio de la práctica de la intervención, cerca de que ha sido cumplido los profesionales del sexo que verifica un gran contingente de adulta joven eso había insertado en la prostitución de la adolescencia, consideró como una ofensa a la salud y la forma de una violencia que interfieren en el proceso de crecimiento lleno y el desarrollo de las adolescentes. El estudio tenía como cortar, la prostitución del femenina de las adolescentes, con el objetivo de saber y analizar su contexto y el significado a través de la experiencia de la prostitución en la adolescencia. El referencia teórico y conceptual, se adoptó la adolescencia con el énfasis en el riesgo, vulnerabilidad y resalto; el génesis de la prostitución y las interfaces de la institución familiar con el fenómeno. La metodología se usó con el acercamiento cualitativo, por tratar de una investigación social, permitiendo penetrar en un mundo polémico repleto de adversidad que se revelan los bajo varias dimensiones: histórico, cultural, social, política y barato. Fue considerado la modalidad de Investigación Estratégica que guía para los problemas que aparecen en la sociedad, mientras tirando la luz en los aspectos de la realidad, permitiendo construir un conocimiento ancho, reflexivo y profundo. El estudio era cumplido con las juventudes adultas, profesionales de del sexo, que ejerció o ellos ejercen la práctica de la prostitución en tres barrios del área norte de Ribeirão Preto. Para la colección de datos en el trabajo del campo, se usó la técnica de Historia de




Vida Tópica y el método para el tratamiento y análisis de los datos era cumplido a través del análisis satisfeco propuesto por Bardin. Para los informes obtenidos de las entrevistas con los actores sociales, era posible relacionar tres núcleos temáticos de complejidad alta, identificado como el contexto familiar con sus relaciones contradictorias y la presencia de las maneras de varias violencias; el diariamente perverso de la prostitución y las expectativas futuras.

Las palabras claves: La prostitución, el adolescente, la familia, violencia.

# 1 INTRODUÇÃO

*1.1- A CONSTRUÇÃO E DELIMITAÇÃO DO  
OBJETO DE ESTUDO*

 interesse por este estudo emergiu enquanto profissionais de enfermagem envolvidas em ações educativas junto ao Programa de Assistência Primária de Saúde Escolar (Proase) da Secretaria Municipal de Saúde de Ribeirão Preto - SP.

O programa tem como objetivo priorizar a promoção, prevenção, assistência e recuperação da saúde dos escolares, realizado pelos enfermeiros, auxiliares e técnicos de enfermagem, através de grupos participativos de reflexão e discussão, com campanhas educativas, grupos de adolescentes de 4<sup>a</sup> a 8<sup>a</sup> séries, reuniões com pais, professores e comunidade em geral.

Também inserem-se nessas atividades os programas de conservação auditiva, triagem visual, vigilância epidemiológica e sanitária, sendo estas últimas realizadas em conjunto e de forma integrada com os respectivos Programas e Serviços da

## *Introdução*

---

Secretaria Municipal da Saúde, formando uma rede articulada na atenção integral à saúde da criança e do adolescente.

No que concerne ao grupo de adolescentes, este é realizado pelos enfermeiros com ênfase nas temáticas sobre crescimento e desenvolvimento; sexualidade e saúde reprodutiva; DST/Aids e drogas e relações de gênero, incluindo os mais diversos temas emergentes, de acordo com as sugestões dos adolescentes (virgindade, fecundação, gravidez, abortos, masturbações, abuso sexual, homossexualidade, contracepção, namoro, entre outros.).

Essas temáticas sempre foram alvo de nossa atuação na implantação e implementação de estratégias que fizessem com que ficássemos cada vez mais próximas dessa população, mantendo-se assim o vínculo.

A realização dos grupos com os adolescentes, professores e pais de alunos privilegiava uma metodologia participativa e reflexiva, sugerida pela Unidade de Prevenção da Coordenação Nacional de DST/Aids do Ministério da Saúde, em que:

*“A abordagem lúdica e participativa, como metodologia, está centrada na necessidade de buscar maior interação e coerência do profissional como sujeito que precisa redimensionar sua função, assumindo, além do seu papel de educador, o de articulador e agente de transformação social, além de problematizar as questões relacionadas à sexualidade” (Iossi, 2000, p.17).*

A metodologia de técnicas de grupos para essa abordagem é utilizada como uma ferramenta de um processo de teorização da prática, de forma sistemática, planejada e progressiva, respeitando o limite dos participantes e sempre relacionada

### *Introdução*

---

a um objetivo, projetando esses atores como “*sujeitos de uma realidade que constroem*” (Silveira,1996, p.13) e, conseqüentemente, agente de seu processo de desenvolvimento em seu contexto social (família, escola e comunidade).

Na implantação desses grupos, havia necessidade de um contato prévio com os alunos para realizar um diagnóstico sobre o contexto em que estavam inseridos, bem como suas reais inquietações a respeito dos mais diversos temas já citados anteriormente, e que, em maior destaque, eram motivos de preocupações e dúvidas em suas vidas.

A seguir, relacionamos como premissas básicas, alguns parâmetros que permeavam as nossas ações nesses grupos:

- *desenvolver valores éticos para a compreensão de direitos e deveres em relação à vida saudável e à cidadania;*
- *socializar as informações relacionadas à promoção e à manutenção da saúde;*
- *desenvolver a capacidade de observar, comparar e refletir sobre a realidade e de detectar situações estruturais que interferem na saúde individual e da população;*
- *desenvolver a capacidade de analisar criticamente os projetos locais, regionais e/ou nacionais de promoção e proteção à saúde;*
- *estimular a participação nos processos de reivindicação por melhor qualidade de vida e de transformação social;*

- *estimular a vivência de práticas compatíveis com a promoção e manutenção da saúde individual e coletiva* (Silveira, 1996, p.12).

### *Introdução*

---

Com o decorrer dos anos, mais especificamente em 1996 e 1997, pudemos observar, com uma certa frequência, perguntas e dúvidas sobre os temas relacionados ao abuso, assédio sexual e prostituição, pelos adolescentes, na faixa etária de 14 a 19 anos, que participavam desses grupos. Essas dúvidas sempre eram acompanhadas como exemplo de algo que havia acontecido com amigos, vizinhos, primos, ou até mesmo conhecidos.

Através desses relatos, fomos conduzindo os grupos de forma a buscar algumas informações teóricas imprescindíveis ao tema em questão, propiciando aos próprios adolescentes desenvolver de forma coletiva, um processo reflexivo e de discussão, culminando na aquisição de conhecimentos individuais e coletivos, como a tomada de decisão, tão necessária no processo de desenvolvimento dos mesmos.

Paralelamente, desenvolvemos outras atividades, como grupos de professores e visitas domiciliares para alguns alunos em que eram necessárias a interação e a integração com a família, objetivando alcançar melhores resultados na assistência integral ao adolescente.

Nessas visitas, pudemos observar o contexto social em que as famílias estavam inseridas, onde havia uma enorme carência de recursos públicos, como ausência de saneamento, asfalto e Unidade Básica de Saúde muito distante. Por outro lado, havia um agravante contribuindo com essa realidade, que era a ausência da mãe

no lar, pela necessidade do trabalho com o objetivo de obter maiores rendimentos financeiros para a família.

Em 1996, simultaneamente a essas atividades, a Prefeitura Municipal de Ribeirão Preto, através da Secretaria Municipal da Saúde, firmou convênio com o

### *Introdução*

---

Programa de Orientação e Atendimento a Dependentes Químicos (Proad) do Departamento de Psiquiatria e Psicologia Médica da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), para o oferecimento de cursos de aprimoramento e supervisão na área de prevenção, do qual participamos ativamente.

Nesse período, fomos indicadas juntamente com outras cinco enfermeiras, para compor o Núcleo de Prevenção pela Secretaria Municipal da Saúde e, em setembro de 1997, ocorreu o dobro da carga horária, sendo esta distribuída em 20 horas semanais no PROASE e outras 20 horas semanais no Núcleo de Prevenção – Redução de Danos ( NUPREV-RD ).

Paralelamente, o Programa Municipal de DST/Aids necessitava viabilizar uma equipe mínima na área de prevenção junto às profissionais do sexo, consideradas como vulneráveis frente à epidemia do HIV/Aids, para implantar um projeto com o objetivo de diminuir e minimizar a infecção pelo HIV e outras doenças de transmissão sexual e sangüínea.

A seguir, apontaremos alguns dados epidemiológicos da Aids, como uma forma de dimensionar a sua real magnitude em nosso país, estado e município.

Os dados epidemiológicos no Brasil apontam com exatidão a tendência no aumento dos casos de AIDS entre as mulheres, em que a proporção masculino / feminino vem diminuindo a cada ano, em que de 16,3/1 (1986), cai drasticamente

para 1,7/1 (2002), na faixa etária de 13 anos ou mais, segundo dados do Boletim Epidemiológico da Aids do Ministério de Saúde (Brasil, 2002a).

### *Introdução*

---

Dados relativos ao número de casos de Aids (Brasil, 2002b) apontam a desconfortável posição de Ribeirão Preto - SP em sétimo lugar entre os municípios brasileiros e terceiro entre os paulistas.

No Brasil, dados relativos à faixa etária, no período de 1980 a 2002 (Brasil, 2002c), mostram que a maior concentração dos casos de Aids tem ocorrido na faixa etária de 20 a 49 anos. Portanto, ao analisarmos que o intervalo de tempo entre a contaminação pelo vírus HIV e o aparecimento dos primeiros sintomas da doença pode prolongar-se por até 10 anos, infere-se que o contingente de adolescentes e adultos jovens que estão sendo infectados é muito alto.

Com efeito, a adoção de medidas que estabeleçam estratégias eficazes de prevenção neste segmento da sociedade, os profissionais do sexo, tão carentes e excluídos, trará não só benefícios sociais, individuais e coletivos, como também redução de recursos públicos, que poderiam ser destinados a outras finalidades.

Dessa forma, houve a necessidade de ampliação das ações junto à população de profissionais do sexo, dos usuários de drogas e toda a sua rede de interação social, necessitando que três enfermeiras da equipe assumissem as 40 horas semanais de atividades somente no NUPREV – RD, o que se concretizou a partir de julho de 1998.



Desde então, o trabalho vem sendo realizado sistematicamente duas vezes por semana em três bairros da zona norte de Ribeirão Preto, em que as condições de recursos e equipamentos públicos são muito escassos ou até mesmo ausentes.

A partir de março de 2002, o NUPREV – RD se vincula ao Programa Municipal de Saúde Mental, exercendo suas atividades somente com a população de

### *Introdução*

---

usuários de droga. Simultaneamente, continuamos inseridas no Programa Municipal de DST/Aids que inaugura um Centro de Referência em DST/HIV/Aids composto de três unidades assim dispostas: Centro de Testagem e Aconselhamento, Serviço Assistencial Especializado e Unidade de Prevenção. Isso possibilitou uma implementação e ampliação das estratégias de prevenção e promoção à saúde com as profissionais do sexo, inclusive com a implantação de um serviço de ginecologia, permitindo o acesso à assistência integral à saúde da mulher.

A metodologia adotada nessas intervenções se caracteriza pela abordagem participativa e reflexiva, como a já citada anteriormente, para os grupos de adolescentes escolares, o que permitiu revelar alguns aspectos contextuais próprios para esses sujeitos, diante de uma profissão que constantemente oferece uma diversidade de riscos.

Tal contexto poderia se agravar principalmente se estes sujeitos não estivessem bem informados e orientados, sendo, então, uma forma de instrumentalizá-los, inclusive servindo de multiplicadores para sua rede de interação social.

Os temas abordados incluem desde a sexualidade em seus amplos aspectos, como também aqueles que lhes são próprios, como prostituição e suas várias

dimensões, organização em grupo, violência, proteção, relações de gênero e outros temas surgidos a partir dos próprios sujeitos. Acreditamos que essas estratégias possam colaborar cada vez mais para com a autodeterminação de que são capazes, no sentido de adotar fatores de proteção tanto para as suas vidas, como também na prevenção às DST/Aids e promoção à saúde integral.

### *Introdução*

---

A partir do vínculo estabelecido e do convívio com os profissionais do sexo em geral, fomos percebendo um considerável contingente de adultas jovens que haviam se iniciado na prostituição desde a adolescência, o que nos trouxe grandes questionamentos e reflexões. Outros aspectos que foram se desvelando: o baixo grau de escolaridade e o fato de não residirem com a família, revelando respectivamente a evasão escolar e a ausência do convívio familiar, o que fizeram parte das nossas inquietações.

Em 1999, através do Núcleo de Estudos, Ensino e Pesquisa do Programa de Assistência Primária de Saúde Escolar (Proase), elaboramos sob a Coordenação da Prof<sup>ª</sup>. Dr.<sup>a</sup> Maria das Graças Bonfim de Carvalho, um Projeto Temático enviado à Fapesp, processo n.º 99/08492-0, intitulado “A Criança e o Adolescente Alvos de Atos Violentos ou Vítimas Potenciais da Violência”, tendo o Subprojeto IV com o tema, “Prostituição de Adolescentes: Uma Imagem Construída na Adversidade da Sociedade”.

Nesse Subprojeto, estudamos a exploração sexual feminina de adolescentes, pois a consideramos como um fenômeno que além da improbidade legal, com violação dos direitos da adolescente, porta-se como extremamente potencializador da violência cometida contra essa faixa etária.

Acreditamos que, nesse cenário, as dimensões da violência se traduzem em diversos aspectos, como físicos, afetivos/emocionais e psicológicos, intervindo negativamente no processo de crescimento e desenvolvimento natural dessas adolescentes.

### *Introdução*

---

Justifica-se, então, um estudo da exploração sexual feminina de adolescentes, por se tratar de uma faixa etária que, se bem estruturada, poderá enfrentar a vida adulta de maneira mais digna de ser vivida, como sujeitos de direitos que são, oferecendo alternativas e possibilidades de incrementar as potencialidades dessas adolescentes. Além disso, contribuir para a visibilidade do fenômeno em nosso município, que até então, apresenta-se velado ou até mesmo como não existente em nossa realidade local.

Nossa intenção é, em princípio, construir uma gama de conhecimentos e aportes teóricos com a intenção de aproximar a temática à área de Enfermagem e, conseqüentemente, contribuir para o planejamento de políticas sociais e de saúde, objetivando ações de promoção e proteção à saúde das adolescentes em situação de risco social.

Não resta dúvida de que a exploração sexual feminina de adolescentes não é mais uma ficção, um fenômeno desconhecido ou algo que esteja distante de cada um de nós. Embora para muitos não seja perceptível no cotidiano, na última década, ela tem se desvelado através de diversas formas por pesquisadores, pela mídia com seus documentários/reportagens e até mesmo pela Internet.

Certamente, não se trata de um tema ligado somente à academia, à saúde, à cidadania, à justiça ou às políticas públicas e sociais, mas sim a todos nós, membros da sociedade civil, instituições públicas, organizações não-governamentais, entre outras.

Há urgência em se estabelecerem a implantação de políticas e programas sociais de prevenção, recuperação e promoção à saúde que tenham como objetivo

### *Introdução*

---

garantir o pleno desenvolvimento biopsicossocial das nossas adolescentes como sujeitos de direito, relevando e intervindo em seus múltiplos fatores determinantes.

Nessa perspectiva, propomos tecer alguns conceitos teóricos relacionados à prostituição de adolescentes, proporcionando uma reflexão e discussão que possibilitarão aprofundar o fenômeno em sua integralidade.

Ao trabalhar com o termo prostituição de adolescentes, contemplamos o fenômeno, baseado em Saffioti (1989), como exploração sexual e que se configura sob duas dimensões, *“Uma delas confunde-se com o conceito de exploração econômica, ou seja, tem o lucro por objetivo. A segunda dimensão diz respeito à obtenção de vantagens de outra ordem por parte do explorador”* (p.49). Essas vantagens estariam relacionadas ao prazer que causariam para um adulto, e como conseqüência, prejuízo para o desenvolvimento da saúde mental dessas adolescentes.

Portanto, o nosso interesse nesta pesquisa tem como recorte a exploração sexual feminina de adolescentes e como objeto de estudo a experiência da prostituição na adolescência sob a ótica de adultas jovens, profissionais do sexo.

Com base no artigo de Alves (1993), sobre a experiência da enfermidade, nos propusemos a tecer um tímido ensaio referente ao termo “experiência” da prostituição na adolescência.

Nesta construção teórica, consideramos a forma como as adultas jovens, profissionais do sexo, interpretam e constroem o contexto da prostituição através de suas idéias, crenças e valores, influenciados pela realidade social em que estão inseridas.

### *Introdução*

---

Alves (1993) analisa que a *“experiência, em si mesma, desvela aspectos tanto sociais como cognitivos, tanto subjetivos (individuais) como objetivos (coletivos)”* (p.264).

Portanto, relevamos a subjetividade desses atores, associada ao meio sociocultural e histórico como determinantes do processo de apropriação dessa realidade. Esse conhecimento seria constituído por experiências diversas próprias, como também sendo constantemente influenciado pelos conceitos e preconceitos concebidos pelas pessoas do seu convívio.

Assim, consideramos que a compreensão do fenômeno prende-se necessariamente a uma experiência, e conforme Geertz (apud Alves, 1993), precisamos *“[...] descer aos detalhes, além das etiquetas enganadoras, ... além das similaridades vazias, para apreender corretamente o caráter essencial não apenas das várias culturas, mas também dos vários tipos de indivíduos dentro de cada cultura”* (p.268).

Pela própria proibição e clandestinidade da exploração sexual de adolescentes, não há como dimensioná-la estatisticamente com dados confiáveis, mas

já temos fortes indícios de que os números não são nada confortáveis. Mas para nós, bastaria que uma única criança ou adolescente ao expor seu corpo e sua intimidade em troca de dinheiro, drogas, favores ou bem material, fosse assumida por todos nós, de forma a resgatá-la dessa situação e socializá-la. E Gomes (1996) completa esse raciocínio ao citar uma pesquisa na qual “*estima que entre 1015 adolescentes de 6 a 20 anos de idade, pelo menos 50% sobrevivem da prostituição constante, e os outros recorrem a essa prática esporadicamente*” (p.193).

### *Introdução*

---

Na seqüência, o mesmo autor chama a atenção de que a quantificação é algo que faz parte do imaginário social e para o fato de que:

*“[...] a importância de algo se configura muito mais pela sua extensão do que pela sua natureza em si. A prostituição infanto-juvenil parece não escapar deste raciocínio, ou seja, para que socialmente seja reconhecida como um problema sério a ser enfrentado é preciso que a quantificação seja explicitada”* (Gomes, 1996, p.194).

Abordaremos a exploração sexual feminina de adolescentes, através dos relatos que estarão contidos nas histórias de vida de adultas jovens, profissionais do sexo, priorizando as situações e vivências que contribuíram, ou até mesmo determinaram para que ingressassem na prostituição, ainda na adolescência, como também o real sentido dessa prática para suas vidas. Para isso, consideraremos o fenômeno em seus múltiplos aspectos e facetas, sem contudo reduzi-lo a um único determinante e naturalizá-lo.

Pretendemos, através desta pesquisa, promover uma reflexão e discussão dos motivos e fatores adversos que contribuíram para que adolescentes se iniciem precocemente na prostituição, e assim, além de aprofundar esses aspectos, também contemplar o fenômeno em um contexto mais amplo, sem os constantes reducionismos a que estamos acostumados ver e ouvir no cotidiano.

Assim, articularemos esse contexto às condições concretas que a lei nos oferece, o que certamente melhor nos instrumentalizará para as reflexões que se seguirão.

### *Introdução*

---

Baseado no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) de 1990, artigo 2º. (São Paulo, 1993), “*Considera-se criança, para os efeitos dessa Lei, a pessoa até doze anos de idade incompletos, e adolescentes aquela entre 12(doze) e 18(dezoito) anos de idade*” (p.25).

Para a Área de Saúde do Adolescente e do Jovem do Ministério da Saúde (Brasil, 1999), “*Os adolescentes são aqueles indivíduos de 10 a 14 anos, os adolescentes jovens os de 15 a 19 anos e os jovens adultos os de 20 a 24 anos*” (p.7).

Optaremos pela última classificação, por detectarmos uma grande dificuldade em se estudar a prostituição na adolescência, através de contatos diretos com adolescentes sendo exploradas sexualmente, pois tal prática nessa faixa etária, é constituída como crime.

Associado a essa questão, em termos de cumprimento aos princípios éticos em pesquisa, solicitar um consentimento assinado pelas jovens pode implicar em

outra questão ética que é a do profissional notificar o crime do exercício da prostituição de adolescentes.

Frente a essa problemática, é que optamos por estudar a exploração sexual feminina de adolescentes a partir da ótica das adultas jovens, profissionais do sexo, que iniciaram a sua trajetória na adolescência. Assim, resgatando histórias de vida, poderemos nos aproximar do complexo universo da problemática, sem ferirmos preceitos éticos e jurídicos.

A partir da Declaração Universal dos Direitos Humanos, em 1948, Marcílio

### *Introdução*

---

(1998) aponta para o fato de que o conceito de cidadania emergiu, trazendo um conjunto não só de direitos, como também de responsabilidades necessárias aos indivíduos para que seja assegurada sua plena participação na sociedade. Esse avanço aconteceu também como fruto da primeira *Declaração dos Direitos da Criança* que ocorreu em Genebra em 1924, pela recém-criada Liga das Nações, em que apenas quatro itens foram estabelecidos, mas já representavam um grande avanço rumo aos direitos da criança e do adolescente.

A consagração dos direitos da criança veio se concretizar na sua integralidade, em 1989, através da Conferência Mundial sobre os Direitos Humanos que promoveu a *Convenção das Nações Unidas sobre os Direitos da Criança*, sendo os seus termos abrangentes em diversos aspectos e ratificados por 96% dos países, o que os tornou, portanto, obrigados a adotar medidas adequadas para o cumprimento das obrigações e proteção para com suas crianças.



Dessa forma, o Brasil homologou todos os dispositivos em favor da criança e do adolescente, estabelecendo, em 1990, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), o que representou um verdadeiro marco na história dos direitos da criança e do adolescente.

Marcílio (1998) comenta que, embora o Brasil tenha adotado dispositivos legais que melhoraram em muito a situação da infância, garantindo a sua defesa, ainda descortina no cenário brasileiro “[...] *tristes índices e uma constrangedora e evidente situação de violação dos seus direitos*” (p.51).

Segue-se, portanto, uma série de eventos nacionais e internacionais, destinados ao combate do abuso e exploração sexual de crianças e adolescentes,

#### *Introdução*

---

representando uma verdadeira luta na implementação da garantia e cumprimento dos direitos individuais e coletivos.

Observamos, na exploração sexual feminina de adolescentes, o fato não raro de associação com as mais diversas formas de violência, seja ela social, sexual ou física e psicológica, motivos que muitas vezes podem contribuir para o ingresso na profissão. Contudo, não há como isolarmos o fenômeno dos diversos fatos observados, podendo acrescer outros fatores determinantes como o uso, abuso e tráfico de drogas, situações de miséria e pobreza, abuso sexual muitas vezes dentro do próprio lar, violência de gênero nas suas relações e abuso do poder na hierarquia etária.

A desagregação familiar pode ser encontrada nos relatos de Dimenstein (1994), onde:

*“Das 53 meninas e adolescentes prostitutas entrevistadas, nada menos que 95% vêm de famílias desestruturadas. Alguns números: 80% não têm contato com o pai; os pais de 30% das entrevistadas estão mortos; 35% admitem que sofreram tentativas de abuso sexual em casa, apontando o padrasto como principal responsável diante de uma mãe passiva; 50% apontam a bebida como um problema da família” (p.73).*

O Brasil, pela sua imensa área, contribui com várias dimensões para a prostituição, desvelando características regionais próprias e muito marcantes.

Gomes (1996) relata que a região Norte por se caracterizar pelas *áreas de garimpo*, esconde a mais perversa das crueldades, em que se convive com uma extrema violência em convivência e omissão, podendo as instituições assumir

#### *Introdução*

---

*“ [...] diferentes atitudes: ou denunciam, ou se omitem, ou se corrompem, ou ainda, ficam paralisadas pela impotência” (p.198).*

A região Centro-Oeste pela sua proximidade apresenta-se bem articulada com a região Norte, favorecendo o aliciamento de mulheres e meninas de Cuiabá e Goiânia com propostas de trabalho em lojas ou como garçonetes nos garimpos de Itaituba no Pará, onde acabam sendo mantidas em cativeiro com a finalidade de exercer a prostituição.

Nos grandes centros urbanos, como Brasília, a prostituição se configura tanto pelo requinte em hotéis para hóspedes importantes, como na rua com meninas sendo exploradas sexualmente até por policiais (Gomes, 1996).

No Nordeste, em especial em São Luís, capital portuária do estado do Maranhão, é noticiado por Alves (2001), no jornal *O Estado do Maranhão*, denúncias de exploração sexual pelas próprias adolescentes que relatam as aventuras,

sonhos e desilusões a bordo de navios estrangeiros. Há, também, relatos daquelas que vivem ou viveram grandes amores, inclusive com promessas de *casamento* fora do país.

Uma garota de programa na idade de 19 anos informa que *começou a fazer “programa” com tripulantes de navio estrangeiro aos 15 anos*. Nos bastidores dessa articulada rede de prostituição, estão os “lancheiros” que levam essas garotas até os navios e cobram boa quantia pelo serviço, e conforme a denúncia *“os lancheiros estariam deixando de levar as antigas clientes para levar menores que agradariam muito mais os tripulantes dos navios”* (Alves, 2001).

### *Introdução*

---

Com efeito, encontramos uma rede de exploração sexual muito bem articulada, que cada vez mais aspiram por adolescentes com idades cada vez menores, o que faz com que o problema seja velado de tal forma que dificulta possíveis investigações e o rompimento dessas atividades.

Na região Sul, em Porto Alegre, Gomes (1996) cita que *“existem gangues e quadrilhas especializadas em traficar e prostituir meninas”* (p.201), inclusive sendo acobertadas por policiais, mantendo-as em cárcere privado em hotéis situados no centro da cidade. Uma outra característica marcante da prostituição se revela por anúncios de rádio para trabalhos domésticos e tentadoras promessas de que terão televisão em cores e poderão estudar.

Na rota até a região Sudeste, Gomes (1996) destaca em específico no Rio de Janeiro, dois aspectos relevantes:

*“O primeiro diz respeito à pouca visibilidade do problema da prostituição infantil feminina. O depoimento de um representante do IBISS (Instituto Brasileiro de Inovações em Saúde Pública) que apresenta poucos dados sobre o assunto, em termos verbais, por receio de ameaças. Fica claro que não é fácil divulgar publicamente dados em relação à prostituição infantil, por se tratar de uma rede muito grande, frente à qual as organizações são pequenas”. [...] “O segundo aspecto a ser destacado sobre a cidade do Rio de Janeiro, ... diz respeito à visibilidade com que aparece a prostituição infanto-juvenil masculina” (p. 203).*

A respeito de São Paulo, o mesmo autor dá ênfase ao *“depoimento de uma menina que vive na rua, que luta pela vida, marcada, doente e criminalizada, acaba vendendo seu corpo”* (p.205). Segue mencionando casos de meninas que vivem na

#### *Introdução*

---

rua, sofrendo violências sexuais, principalmente por parte de policiais, assim como de cafetões e cafetinas. Como não podia deixar de ser, o uso de drogas é comum em seus relatos, bem como o fato de traficantes as usarem para passar as drogas aos clientes.

Verificamos que há uma grande carência de dados estatísticos globais, e que se fizermos um recorte dentro da literatura em enfermagem, através de uma consulta na base de dados Bireme, podemos verificar que não estamos tão distantes dessa realidade. Pudemos relacionar na Enfermagem, um trabalho de Bueno & Mamede (1997), enfocando o comportamento das profissionais do sexo relacionado às Doenças Sexualmente Transmissíveis e Aids, bem como o seu significado e a prática do sexo seguro.

Em um outro estudo, Torres et al., 1999 referem-se à prostituição, enfocando suas causas e perspectivas de futuro em um grupo de jovens, em que os resultados

demonstraram como causa principal a falta de condições financeiras e, como aspirações para um futuro melhor deixar a prostituição, trabalhar e terem uma profissão e uma vida digna.

Com o advento da Aids, várias categorias profissionais se perceberam na possibilidade de contribuir de diversas formas no combate a essa epidemia e, para nós, a Enfermagem possui uma grande inserção na saúde pública, tornando imprescindível sua presença nessa prática.

Gomes (1994) chama a atenção para o problema da prostituição infantil como uma questão de Saúde Pública, pois “[...] aponta-se para uma realidade distinta da prostituição em geral, configurando-se outro conjunto de determinações” (p.58).

### *Introdução*

---

Mais adiante menciona que “A Saúde Pública, devido à sua natureza, volta-se para uma perspectiva baseada em grupos ou populações” (p.58). Portanto, a Enfermagem nessa área é atuante no âmbito da promoção à saúde integral aos adolescentes e tem como base já estruturada as suas diversas possibilidades de atuação.

Podemos, a partir daí, concluir que essa categoria profissional possui uma gama de conhecimentos e características necessárias e essenciais para se envolver e conquistar seu espaço nas atividades relacionadas à prevenção da exploração sexual de adolescentes, avançando com estudos para maior visibilidade do problema e procurando compreender os significados que se estruturam em torno dessa situação, intervindo na implantação e implementação de estratégias dentro de um modelo sistêmico de vida.

Nessa ótica, há muito o que se fazer quando reavivamos nossa memória quanto ao conteúdo do Estatuto da Criança e do Adolescente (São Paulo, 1993), em especial o Artigo 4º:

*“É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do Poder Público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária” (p.25).*

Portanto, qualquer pesquisa que venha a contemplar adolescentes terá que atravessar a questão da cidadania e resgatá-la, pois é importante lembrar que

#### *Introdução*

---

cidadania não é apenas falar de leis, há que se considerar o indivíduo e sua subjetividade, seus desejos, necessidades e afeto. Cidadania é sentir-se igual e com os mesmos direitos que os outros, é resgatar a própria identidade e auto-estima. Ao se pensar em cidadania, estamos pensando em melhor qualidade de vida, em bem-estar, pois quando se têm relações satisfatórias com o mundo podemos desenvolver fatores protetores na vida de adolescentes. Ser e estar consciente da própria história é ter claro quem sou, e o que desejo, para a partir disso, poder pensar no que fazer para alcançar o que se quer.

## *Introdução*

---

### 1.2 - OBJETIVO

*E*

sta pesquisa foi desenvolvida com adultas jovens, profissionais do sexo feminino, que exerceram ou exercem a prática da

prostituição em três bairros da zona norte de Ribeirão Preto - São Paulo, através das atividades de prevenção e promoção à saúde que exercemos, vinculadas ao Programa Municipal de DST/Aids, com o objetivo de:

- Conhecer e analisar o contexto e os significados da exploração sexual feminina de adolescentes, segundo a ótica de adultas jovens, profissionais do sexo, no município de Ribeirão Preto - SP, com vistas a subsidiar ações futuras para a assistência que envolvam o fenômeno.

### *Introdução*

---

#### *1.3 - PRESSUPOSTOS DO ESTUDO*



desenvolvimento da prostituição é multidimensional por inúmeras facetas da história. Um grande número de



variáveis e conceitos faz parte do contexto que envolve a exploração sexual feminina de adolescentes, incluindo o momento social, histórico e cultural da modernidade e que sofre as influências do passado.

Norteados pelo objetivo da pesquisa, nos propomos a redigir alguns pressupostos que determinamos, a partir das inquietações e incertezas com relação à temática durante a nossa prática e vivência do trabalho que vem sendo realizado.

Pressupomos que apesar de se tratar de histórias de vida diferentes entre as adultas jovens, profissionais do sexo, encontraremos semelhanças nas relações intrafamiliares conflituosas, ausência, abandono ou negligência dos pais e familiares e situações de violência na adolescência, propiciando o início precoce da prática da prostituição.

### *Introdução*

---

Compartilhamos do pressuposto de que na adolescência o seio familiar não correspondeu satisfatoriamente no que tange às informações sobre sexualidade, tão necessárias nessa fase do desenvolvimento, deixando uma lacuna a ser preenchida por outras pessoas alheias ao convívio familiar.

Outro pressuposto seria que ao abandonar a família, as questões referentes à escassez, ou até mesmo à ausência de recursos financeiros, o baixo grau de escolaridade e a dificuldade de acesso ao trabalho contribuíram para o início e a continuidade da prática da prostituição pela necessidade de sobrevivência.

Também pressupomos que essas jovens, profissionais do sexo, que iniciaram a prática da prostituição na adolescência compartilhem de sonhos e anseios quanto ao

futuro, esperando e almejando constituir tudo aquilo que lhes foi negado na adolescência: “uma família”.

## 2 BASES TEÓRICA E CONCEITUAL

*Bases Teórica e Conceitual*

---

## 2.1- ADOLESCÊNCIA: RISCO, VULNERABILIDADE E RESILIÊNCIA

A adolescência, além de ser uma fase de estruturação para a vida adulta, também sofre influências de experiências das fases anteriores, implicando na importância do contexto cultural e social que cada um vive, devendo ser considerada uma fase decisiva e relativamente extensa no processo de crescimento e desenvolvimento, intensamente marcada por profundas modificações biológicas, psicológicas e emocionais.

Saito (2001) menciona que a adolescência surge justamente como resultado da interação constante do processo de desenvolvimento biológico e psicoemocional e que são inerentes ao contexto socioeconômico atual, relevando normas e valores no interior de culturas específicas. O adolescente adota uma imagem gerada pelas mudanças no corpo e na identidade, provocando também

### *Bases Teórica e Conceitual*

---

intensa transformação em suas relações com os pais, familiares e o mundo. Todo esse processo vem acompanhado por um período repleto de insatisfações, conflitos e contradições, travando uma intensa luta interna e externa pela busca de uma nova identidade.

Consoli (apud Seixas,1999) define essa fase de crise na adolescência como “[...] sinônimo de um momento certamente dramático, mas potencialmente fecundo,

*já que anunciador de modificações – e, mesmo, de mutações que se tornam necessárias, mas que ainda se encontram indeterminadas em suas formas” (p.121).*

Rosenthal & Knobel (1991) relatam sobre a elaboração dos três lutos, de acordo com Aberastury: luto pelo corpo infantil (modificações corporais com sentimento de impotência frente à realidade concreta), pela identidade e pelo papel infantil (perda do pensamento infantil com busca incessante por uma identidade), e pelos pais da infância (abandono da relação de dependência infantil pelos pais).

Todo esse processo é lento e nem as modificações da puberdade e o seu meio social podem acelerá-lo. Portanto, a elaboração desses lutos deve ser muito bem assimilada, de forma a contribuir harmoniosamente por esse rito de passagem nesse longo processo, em que, a família, a comunidade e a escola devem se portar satisfatoriamente na interação dos múltiplos fatores protetores que podem desencadear. Na possibilidade desses elementos interagirem negativamente nesse processo, perceberemos, então, os fatores de risco se afluindo, propiciando condutas e atitudes que irão determinar uma maior vulnerabilidade aos acontecimentos adversos.

#### *Bases Teórica e Conceitual*

---

Aberastury (apud Seixas,1999) lembra que *“caso o indivíduo seja chamado a assumir uma identidade adulta de maneira precoce, ele sentirá esse processo ainda mais ameaçador e conflitivo do que já é” (p.123).*

Acreditamos que quando se trata de adolescentes exploradas sexualmente e/ou prostituídas, há com certeza uma implicação na deterioração física e psicológica, afetando e rompendo com sua individualidade e integridade moral no

processo de crescimento e desenvolvimento natural. Nesse contexto, esses atores vão perdendo a autonomia, o direito sobre seu corpo e seu destino (mercadoria/valor de uso), pois passam a desconstruir e destruir as relações de proteção e de direito individual e coletivo (fatores protetores), emergindo nesse cenário a presença de fatores de risco específicos no processo de construção de uma identidade própria.

Para constatar esse contexto, trazemos uma citação de Campos & Faleiros (2000), para a exploração sexual, que bem se apropria ao tecer as implicações para o desenvolvimento dessas adolescentes: “[...] se refere a uma situação que altera seu processo de desenvolvimento psicossocial a partir do uso genital de seu corpo, e do abuso de uma situação de indefeso [...]” (p. 47).

Portanto, vivenciar, nesse período, uma seqüência de situações traumáticas, pode trazer grandes e turbulentas conseqüências para a idade adulta.

Sabemos que o desenvolvimento da sexualidade começa na infância, e Monesi (1993) confirma isso ao expressar que a curiosidade sexual surge nessa fase, impulsionando para as primeiras descobertas sobre o sexo.

Trata-se de um período em que todos os segmentos da sociedade têm participação ativa, seja no convívio familiar, na escola, com professores e amigos, ou

#### *Bases Teórica e Conceitual*

---

seja nos vínculos com trocas afetivas. O namoro, por exemplo, poderá ter seu valor estimado, dependendo de como foram sentidas as vivências anteriores e a maneira do adolescente expressar a sua sexualidade poderá se dar de diversas formas, em que os primeiros contatos poderão ser frustrantes, com a presença ou não do amor para a aceitação do ato sexual.

Percebe-se, então, que os conflitos sexuais da adolescência não são tão facilmente superados, podendo perdurar, às vezes, pela vida toda, sendo que o fato de superar esses conflitos poderá ajudar o adolescente a esclarecer dúvidas que até então, estavam confusas.

Ribeiro (1993) comenta que “*qualquer lugar é um espaço para se educar sexualmente uma pessoa*” (p.190). E, complementando tal raciocínio, acrescentamos que basta olhar os adolescentes como ser que são e compreendê-los para estabelecermos o vínculo afetivo e de confiança tão necessário em tal intervenção.

Com o advento da Aids, a exploração sexual de adolescentes e a prostituição em geral passam a ser um alvo bem mais vulnerável à infecção pelo HIV, consideradas como um segmento populacional de risco acrescido, tanto em função de fatores bio-fisiológicos, quanto de fatores sociais. As DSTs/Aids passaram a ser um risco ocupacional para quem o sexo se insere em sua matéria-prima do trabalho, evidenciando-se a necessidade de medidas preventivas que considerem as profissionais do sexo como sujeitos ativos de sua saúde, podendo criar a partir de estratégias bem delineadas e consolidadas a adoção de comportamentos protetores, reduzindo as situações de risco e vulnerabilidade.

#### *Bases Teórica e Conceitual*

---

Com efeito, falar de vulnerabilidade de adolescentes sendo exploradas sexualmente nos remete a pensarmos que a condição mínima necessária para que elas se protejam dessas adversidades é tornando-se sujeitos de sua própria saúde, adotando comportamentos protetores não somente baseados nos aspectos biológicos como também nos aspectos culturais e sociais. E é essa particularidade social e

cultural que possibilita torná-las suscetíveis às adversidades da vida, se não forem adequadamente resgatadas, mas se o contrário ocorrer, poderá torná-las sensíveis às possibilidades de superação e transformação dessa suscetibilidade.

Ao falarmos de adolescentes sendo exploradas sexualmente, percebemos, então, que essa vulnerabilidade e suscetibilidade se apresentam como inerentes em tais condições, restando a essas uma concretização das situações de risco biológico, emocional/afetivo e social.

A noção de vulnerabilidade analisada por Ayres (1996) é demonstrada em três planos analíticos básicos: o individual, o social e o programático ou institucional que buscam estabelecer uma *“síntese conceitual e prática das dimensões sociais, político-institucionais e comportamentais associadas às diferentes susceptibilidades dos indivíduos e grupos populacionais”* (p.18).

No primeiro plano, o individual, a vulnerabilidade apresenta-se através de comportamentos geradores da oportunidade de infectar-se e/ou adoecer, não decorrente de uma ação voluntária, mas relacionados às condições do meio em que se dão esses comportamentos, do grau de consciência desses comportamentos e condições, e o poder de transformar esses comportamentos a partir dessa consciência.

#### *Bases Teórica e Conceitual*

---

O segundo plano, o da vulnerabilidade social, considera o acesso à informação e aos serviços de saúde que tem o grupo social em questão; os indicadores epidemiológicos, a situação da mulher com restrições no exercício da cidadania pelos aspectos diferenciais da relação de gênero que reforça o poder dos



homens, os gastos governamentais com a saúde, políticas sociais e as condições de bem-estar social como moradia, infra-estrutura, nível de escolarização, etc.

O terceiro plano refere-se às ações institucionais, demonstrando compromisso pelas autoridades federais, estaduais e municipais, garantindo planejamento e execução das ações com continuidade, qualidade, avaliação e retroalimentação dessas ações.

Concluindo, vemos que a vulnerabilidade não se restringe apenas ao indivíduo, devendo também ser consideradas as condições externas sociais, culturais, familiares, educativas entre outras.

Dessa forma, vemos que a noção de risco está intimamente relacionada à noção de vulnerabilidade, em que o risco para as adolescentes que estão sendo exploradas sexualmente não aparece somente sob o paradigma biomédico, revelando uma extrema correlação direta e indireta com os aspectos emocionais/afetivos, sociais, culturais, políticos e institucionais. Portanto, acrescentamos que o conceito de vulnerabilidade não deve ser aplicado no lugar de risco.

Saito (2001) ressalta que o risco “*associa o conceito de vulnerabilidade à probabilidade de dano ou resultado indesejado*” (p.35), e que simultaneamente aparece o conceito de fator protetor. A autora relaciona alguns fatores de risco e proteção que podem estar presentes:

#### *Bases Teórica e Conceitual*

---

- *Neles mesmos, através de mecanismos ainda não totalmente esclarecidos e vinculados à singularidade de cada fase e de cada um;*
- *Na família, ponto focal, capaz de diminuir o impacto de condições adversas;*

- *Na sociedade, dentro dos mais variados grupos de referência: escola trabalho, áreas da saúde, nível sócio-econômico, cultura , políticas governamentais (p.35).*

Com clareza, verificamos que fatores de risco e proteção não podem seguir um raciocínio linear com fatos ou episódios estáticos, pois riscos são flutuantes na história dos indivíduos, mudando e se transformando de acordo com as situações vivenciadas e sentidas por cada um, em seu cotidiano e na comunidade a que pertence.

Portanto, como analisado anteriormente, esses aspectos podem contribuir positiva ou negativamente com esse processo, e as famílias das adolescentes inseridas na prostituição podem se caracterizar pela fragilidade de suas relações interpessoais, desestruturação de um ou mais de seus membros ou até mesmo pela presença da violência intrafamiliar, gerando uma rede de acontecimentos e reações em cadeia como um baixo nível de auto-estima, evasão escolar, inserção em grupos com condutas de risco e ausência de projetos de vida.

Junto a isso, temos na sociedade e comunidade diversos equipamentos sociais, de educação e saúde que poderão, quando existentes, não responder e se portar insatisfatoriamente frente a estas situações.

Colocamos em pauta questões relativas à adoção de mecanismos protetores e consideramos ser extremamente necessária a sua presença a todo momento, por estar

#### *Bases Teórica e Conceitual*

---

estimulando o desenvolvimento desses comportamentos e condutas de proteção, mesmo diante de situações adversas em que vivem e/ou sobrevivem as populações mais expostas aos riscos pessoais e coletivos.

Rutter (apud Yunes & Szymanski, 2001) chama a atenção de que *“fatores de proteção referem-se a influências que modificam, melhoram ou alteram respostas pessoais a determinados riscos de desadaptação”*, e complementa dizendo que *“[...] seu papel é o de modificar a resposta do indivíduo em situações adversas mais do que favorecer diretamente o desenvolvimento normal”* (p.37).

Garcia (2001) realiza a caracterização de um quadro repleto de experiências associadas ao acúmulo de fatores de risco que lentamente prejudicam a personalidade do sujeito e que *“atualmente, pesquisas têm procurado entender como e porquê algumas crianças expostas a essas experiências se desenvolvem adequadamente e tornam-se adultos saudáveis”* (p.128). A essa condição de encontrar formas para enfrentar as dificuldades e desafios chamamos de resiliência, *“que pode ser entendida como a capacidade dos indivíduos de superar os fatores de risco aos quais estão expostos, desenvolvendo comportamentos adaptativos e adequados”* (Garcia, 2001, p.128).

Rutter (apud Yunes & Szymanski, 2001) nos mostra a importância de esclarecer a associação entre risco e resiliência, considerando três pontos nessa relação:

#### *Bases Teórica e Conceitual*

---

*“Em primeiro lugar, a resiliência não está no fato de se evitar experiências de risco e apresentar características saudáveis ou ter boas experiências; em segundo lugar, os fatores de risco podem operar de diferentes maneiras em diferentes períodos de desenvolvimento. E, em terceiro lugar,*

*é necessário focar mecanismos de risco e não fatores de risco, pois o que é risco numa determinada situação pode ser proteção em outra” (p.26).*

Portanto, não podemos incorrer no erro de considerar eventos isolados como fatores de risco, atribuindo-lhes a condição de adversidade, como se esta também pudesse ser encarada pelo unívoco.

Conseqüentemente, nos remetemos a Yunes & Szymanski (2001), em que:

*“ uma análise criteriosa dos processos ou mecanismos de risco parece imprescindível para que se possa ter a dimensão da diversidade de respostas que podem ser observadas, sobretudo quando se trata de riscos psicossociais ou riscos socioculturais” (p.27).*

Ao associar risco e resiliência, encontramos conceitos de distintos autores. Cowan & Schulz (apud Yunes & Szymanski, 2001) definem resiliência referindo-se *“a processos que operam na presença de risco para produzir conseqüências boas ou melhores do que aquelas obtidas na ausência do risco” (p.27).*

Para Rutter (apud Yunes & Szymanski, 2001), *“resiliência é o processo final de processos de proteção que não eliminam o risco, mas encorajam o indivíduo a se engajar na situação de risco efetivamente” (p.27).*

### *Bases Teórica e Conceitual*

---

Ao abordar o conceito de resiliência, Lindström (2001) explica sua origem na Psicologia e na Sociologia (salutogênese), analisando e comparando que tanto um como o outro procuram investigar *“como as pessoas conseguem administrar suas*

*vidas apesar de condições de vida adversas”* (p.133). Em seguida, enfatiza que devido ao nosso conhecimento não ser exclusivo, *“talvez fosse mais importante mudar algumas das condições fundamentais para as injustiças da sociedade, o que permitiria que adolescentes sensíveis desenvolvessem plenamente suas potencialidades”* (p.133).

A seguir, o mesmo autor analisa diferentes abordagens à resiliência. Nas Ciências Sociais, as crianças, os adolescentes e os indivíduos jovens são agentes *“cuja existência insere-se numa estrutura ( a realidade viva do agente, de dimensões física, mental, social e espiritual)”* (p. 134).

Precisamos entender como esses atores percebem a realidade e de que forma estabelecem a interação e a relação dinâmica entre eles e toda a estrutura em que estão inseridos ( dimensões física, cultural e espiritual ).

Inserimos, nesse contexto, que laços de afetividade e apego de algum familiar, amigo ou até mesmo um conhecido, servem de apoio e suporte não só para o enfrentamento das adversidades, como também de estímulo para a elaboração de projetos de vida, nem que seja para curto prazo, mas que não deixem de existir. Ter alguém junto é fazer diferença na sua história.

Lindström (2001) cita que *“um desenvolvimento bem-sucedido é uma questão de encontrar maneiras favoráveis de administrar a vida dentro do ambiente, de modo que o indivíduo alcance suas metas de vida”* (p. 134).

#### *Bases Teórica e Conceitual*

---

Na Psicologia, a ênfase recai nos fatores relacionados com o próprio indivíduo e que o ambiente também se insere nesse contexto, em que resistência às adversidades não é uma qualidade estável. Assim emergem *“[...] os chamados*

*fatores protetores, ou seja, fatores que modificam ou alteram a resposta de uma pessoa a um perigo ambiental” (p.135).*

Para complementar esse raciocínio, Munist et al.(1998) relatam que resiliência “*não deve ser considerada como uma capacidade estática, podendo variar através do tempo e das circunstâncias. [...], o conceito deve ser ampliado para o entendimento da interação que se processa com as variáveis sociais e comunitárias” (p.14).*

Enfim, Lindström (2001) afirma que esses modelos “*não fazem adolescentes melhores, somente adolescentes mais capazes de lidar com condições de vida difíceis” (p.135).*

Embasadas nessa análise, consideramos três dimensões inerentes ao conceito de resiliência: comportamentais (individual e/ou grupal), familiar (suas relações e inter-relações) e societal (comunidade, sociedade). Portanto, essas dimensões não devem ser analisadas isoladamente, pois todas elas se inserem no processo da resiliência.

Ampliando o conceito de resiliência, compartilhamos com Grotberg (apud Munist et al., 1998) que criou um modelo capaz de caracterizar o perfil da resiliência através das expressões: “Eu tenho, Eu sou, Eu estou, Eu posso”.

Essas atribuições não necessariamente deverão atuar ao mesmo tempo e a todo momento, mas podem ser entendidas da seguinte maneira:

#### *Bases Teórica e Conceitual*

---

***Tenho:***

- *Pessoas ao redor em quem confio e que me querem incondicionalmente;*
- *Pessoas que me põe limites para que aprenda a evitar problemas e perigos;*

- *Pessoas que me mostram por meio de sua conduta maneira correta de proceder;*
- *Pessoas que querem que eu aprenda a me desenvolver sozinho;*
- *Pessoas que me ajudam quando estou doente, ou em perigo ou quando preciso aprender.*

***Sou:***

- *Uma pessoa que os outros sentem apreço e carinho;*
- *Feliz quando faço coisas boas para os outros e lhes demonstro meu afeto;*
- *Respeitador com o próximo e comigo mesmo;*
- *Capaz de aprender o que os meus mestres me ensinam;*
- *Agradável e comunicativo com meus familiares e vizinhos.*

***Estou:***

- *Disposto a responsabilizar-me pelos meus atos;*
- *Triste, reconhecendo e expressando com segurança, encontrar apoio;*
- *Rodeado de companheiros que me apreciam.*

***Posso:***

- *Falar sobre coisas que me assustam ou que me deixam inquietas;*
- *Buscar uma maneira de resolver meus problemas;*
- *Controlar-me quando tenho vontade de fazer algo perigoso;*
- *Buscar o momento apropriado para falar com alguém ou para agir;*
- *Encontrar alguém que me ajude quando necessitar;*
- *Equivocar-me e fazer travessuras sem perder o afeto pelos meus pais;*
- *Sentir afeto e expressá-lo (p.23).*

Portanto, ter alguém como referência, para apoiar-se e poder apreender novos conhecimentos e maneiras de enfrentar a vida, será de extrema importância para a promoção da resiliência e para garantir um desenvolvimento saudável.

*Bases Teórica e Conceitual*

---

Vivenciar fatores de risco no contexto em que vivem as adolescentes podem torná-las mais vulneráveis e essa vulnerabilidade pode ampliar as possibilidades de

fracasso na presença de risco, quando não são estimuladas e incentivadas a adotar comportamentos resilientes.

Em síntese, as adolescentes expostas às diversas situações em que vários mecanismos de risco estão atuando, como na exploração sexual, podem ser consideradas um segmento da população de alta vulnerabilidade, pois na própria prostituição, encontramos inúmeras situações de risco, operando simultaneamente em várias dimensões.

Diante desse contexto, devemos estabelecer estratégias que promovam e fortaleçam o desenvolvimento da resiliência em adolescentes na intenção de proporcionar melhor qualidade de vida, conscientização da importância do autocuidado e o respeito pleno por si mesmo, podendo os danos serem reduzidos, evitados e/ou superados.



---

## 2.2- GÊNESE DA PROSTITUIÇÃO

**P**retendemos realizar alguns recortes através da história, trazendo à luz tímidos ensaios quanto à natureza da prostituição e suas origens. A intenção, portanto, é explorar, na literatura, indícios dos primeiros registros de sua inserção na sociedade, bem como a forma que foi sendo estruturada, suas relações em seu interior e deste para com o mundo.

Através desses recortes, delineamos alguns conceitos (preconceitos) que foram sendo incorporados pela humanidade desde a antiguidade e que até hoje permanecem ideologicamente presentes na fala e no imaginário da sociedade, como uma forma de ocultar as vertentes adversas que alimentam e contribuem para a sua existência.

Roberts (1998) relata sobre essa origem e se convence de que a prostituição é a mais antiga profissão do mundo, tendo suas raízes no desenvolvimento histórico do patriarcado, como veremos adiante.

### *Bases Teórica e Conceitual*

---

Propomos a todos viajar no tempo, rompendo as barreiras do nosso imaginário e percorrer pelas origens da nossa história para desvendar o que vem

sendo velado e ocultado, com o intuito de não permitir que a prostituição seja concebida em seus contextos, relevando suas múltiplas dimensões e que sempre se materializou para servir aos interesses da humanidade.

Houve um grande período da nossa história, “[...] em que os homens rotularam de pré-história (pré-patriarcado), [...], em que a mulher é que era considerada a criadora da força da vida. Ela era adorada como a Grande Deusa e como tal estava no centro de toda atividade social” (Roberts, 1998, p.19).

Roberts (1998) e Corbett (1990) revelam que, nesse período, a mulher era considerada a encarnação terrena da deusa e que para tanto era considerada como um elo entre a comunidade e a divindade, sendo chamadas de sacerdotisas.

Segundo Sjöö & Mor (apud Roberts, 1998):

*“[...] nessas sociedades pré-históricas a cultura, a religião e a sexualidade eram interligadas, oriundas da mesma fonte na deusa. O sexo era sagrado por definição e as sacerdotisas lideravam rituais de sexo grupal em que toda a comunidade participava, compartilhando uma união extática com a força da vida” (p.21).*

Dessa forma, a prostituição sagrada contemplava não somente a natureza sexual. Para Corbett (1990), essa prática “surgiu dentro desse sistema religioso matriarcal, e por conseguinte não fez separação entre sexualidade e espiritualidade” (p.38).

*Bases Teórica e Conceitual*

---

Portanto, o poder das mulheres no papel da grande Deusa era considerado como criadoras da força da vida, constituindo algo que ia além da noção simplista

da fertilidade, onde os homens desempenhavam um papel secundário, de coadjuvante dessas relações. Inclusive, com as mulheres detendo um papel central na economia dessas primeiras sociedades.

Adiante, Roberts (1998) e Corbett (1990) relatam que, por volta de 3000 a.C., tribos guerreiras de homens da antiga Mesopotâmia e Antigo Oriente (Babilônia, Ásia Menor) começaram a invadir alguns territórios liderados pelas mulheres, o que permaneceu por milhares de anos, pois derrubar o mito da Deusa não foi assim tão fácil. Assim, nesse ponto já verificamos as formas de sociedades matriarcais e patriarcais, sendo que se iniciam os primeiros registros de dominação do poder dos homens sobre as mulheres, inclusive com o objetivo de controlar a sexualidade das mulheres, propondo formas de casamento e sujeitando a mulher a um único parceiro, para não ter dúvidas da paternidade das crianças. Por outro lado, as sociedades matriarcais se estabeleciam, preconizando valores religiosos, culturais e voltados para toda a sua comunidade.

Corbett (1990) especifica que essa transformação extensa e complexa do matriarcado para o patriarcado traz ao contexto, “*mudanças de atitude em relação ao feminino*” (p.52).

Simultaneamente, os homens foram se estabelecendo como governantes, criando leis cada vez mais restritivas e incorporando nesse contexto deuses homens para se contrapor à divindade das deusas.

Roberts (1998) relata que “[...] foi nesse ponto da história, em torno do segundo milênio a.C., que a instituição da prostituição sagrada tornou-se visível e foi registrada pela primeira vez na escrita” (p.22).

Dessa forma, a prostituição sagrada foi instituída como uma tradição para o ritual sexual, sendo parte integrante da adoração às deusas nas primeiras civilizações do mundo em que as mulheres eram consideradas sagradas e prostitutas simultaneamente, porém estavam longe de serem estigmatizadas como são hoje.

A mesma autora segue relatando o matrimônio sagrado como um ritual da fertilidade, na qual:

*“[...] escritoras feministas interpretaram-no como uma demonstração pública do poder dos homens sobre as mulheres, em uma cultura que já usava estas últimas como procriadoras e objetos sexuais; mais um ritual de humilhação sexual do que uma afirmação religiosa”* (p.25).

É importante salientar que as mulheres que não se enquadravam nesse novo contexto eram despejadas no interior dos templos e assim consideradas como prostitutas e se adequando como podiam a essas novas regras, ou seja se aperfeiçoavam em dança, canto e instrumentos para se tornar “profissionais” que proporcionavam o entretenimento e o sexo ritual.

Nesse ponto, encontramos os primeiros relatos das prostitutas de rua que continuavam a ser consideradas como mulheres sagradas e seus proventos vinham sob a forma de oferendas.

Entretanto, nessa época (2000 a.C.), também havia as prostitutas consideradas do mais alto escalão do templo, sendo poderosas e prestigiadas e não meras vítimas oprimidas dos homens.

A essas, seguiam-se outras deusas com poderes econômicos relacionados ao comércio, pois “[...] *compravam, vendiam, alugavam, importavam, exportavam, comercializavam escravos, negociavam terras e pessoas, e do seu claustro desempenhavam um papel essencial na ... economia do país*” (Roberts, 1998, p.26).

Conseqüentemente, já se percebe a dicotomia entre a boa e má mulher, esposas e prostitutas, onde ambas foram alvos do poder exercido pelos homens sobre elas, em que os mesmos “[...] *recorriam às relações sexuais com prostitutas quando se sentiam entediados com as restrições do casamento*” (Roberts, 1998, p.28).

Até então, essas atitudes não eram consideradas imorais, porém foram surgindo sacerdotes que começaram a se contrapor à liberdade da vida sexual do seu povo, classificando as prostitutas como um mal. E foi quando, na virada do século VI a.C., o governo de Atenas considerou as mulheres como esposas ou prostitutas, declarando que grande parte dos rendimentos adquiridos nos templos com a prostituição iria para o governo e de acordo com Roberts (1998), “*pela primeira vez na história, as mulheres estavam sendo cafetinadas – oficialmente. [...] Assim nasceram a cafetinagem estatal e privada*” (p.37). E nesse desenrolar, algumas mulheres foram adquirindo autonomia financeira para sair dos templos e criar seus próprios bordéis ou até mesmo iniciar a prostituição de rua, onde aqui também o Estado propunha formas de controlar esses rendimentos.

As condições de vida nesses locais eram pavorosas e insalubres, os salários não eram pagos a elas, mas para um funcionário homem que administrava o bordel, fazendo com que essas prostitutas adquirissem através de lisonjas “presentes” dos seus clientes.

Vários intelectuais gregos travaram uma verdadeira guerra aos homens e mulheres que se deixavam envolver pelos prazeres da carne. Não raros eram os casos em que os grandes homens da Grécia insultavam e condenavam as prostitutas e a prostituição em seus escritos e falas direcionados para o público.

Roberts (1998) relata que atualmente ainda estão muito presentes, como se tal contexto fosse característica somente da modernidade:

*“E não há como escapar do fato que muitas mulheres realmente escolheram a prostituição como uma carreira, considerando-a um caminho para a liberdade, um meio de controlar suas próprias vidas e uma alternativa positiva para a tirania do regime doméstico” (p.40).*

Com isso, não se trata de naturalizar a prostituição, mas por outro lado não há como negar que alguns fatores como desfrutar de plena autonomia econômica, liberdade, domínio sobre si e ao redor e o trabalho independente, se apresentam nos bastidores desse cenário como um dos determinantes da prostituição em geral.

Já nos primeiros cinco séculos d.C., se alastrou pela sociedade e a cultura romana uma enorme profusão de práticas sexuais distantes de qualquer convenção moral ou sexual, pois os códigos desses comportamentos eram estabelecidos pelos

imperadores e não havia obstáculos que pudessem impedi-los de realizar suas fantasias mais ultrajantes ( Roberts, 1998).

Nessa época, a classe escrava e os criados suportavam no cotidiano da vida todo e qualquer assédio sexual de seus donos, como o estupro e o abuso sexual, tendo como única esperança escapar para se prostituir nas ruas ou em bordéis como prostitutas e prostitutas, portanto sendo pagos por seu trabalho.

Simultaneamente, Roberts (1998) declara que os “[...] homens da classe dominante desenvolviam um desejo obsessivo pela prostituta virgem ...”, adquirida por proprietários de bordéis. “A ruptura do hímen de uma escrava adolescente era considerado como um grande feito pelos homens da classe alta da antiga Roma” (p. 66).

Porém, na prostituição também se encontravam prostitutas provenientes de famílias respeitáveis, instruídas, bonitas e realizadas, em que “[...] a razão mais importante para uma mulher bem nascida se tornar cortesã era, evidentemente, ser financeiramente autônoma, sem depender de nenhum homem” ( p. 72).

Com o cristianismo em ascensão no século V, a sexualidade “*tornou-se um alvo básico da Igreja, principalmente como consequência da reação da nova religião à vida moral e sensual do Império Romano decadente*” ( Roberts, 1998, p.81). Muitos foram os seguidores que divulgaram a ideologia da Igreja Cristã, exaltando o celibato e difundindo a total submissão das mulheres em relação aos homens, sendo, portanto, considerada como Idade das Trevas e o martírio da sexualidade. As prostitutas eram consideradas pecaminosas e foram banidas da Igreja enquanto praticassem sua profissão.

Em meados do século X, surge o Feudalismo em que a classe dominante (senhores feudais) lutava pela posse da terra e tinha os camponeses como servos, trabalhadores no cultivo da terra e também para servir seus donos em tempos de guerra nos campos de combate. Isso criou um enorme fluxo de trabalhadores se deslocando pelos campos. Roberts (1998) cita que havia um grande número de mulheres entre eles, a prostituição seria um meio de sobrevivência, e as mulheres formavam caravanas do prazer, em que “[...] *juntamente com suas famílias, as mulheres mais jovens e as meninas estavam praticamente todas prontas para vender seus favores*” (p.90).

Nesse momento da história, a prostituição de crianças já aparece de uma forma menos camuflada, tomando força maior no século XVIII em que as condições cada vez mais desesperadas dos pobres instituíam a prostituição infantil de rua e as crianças eram confinadas nos prostíbulos em condições lamentáveis.

Roberts (1998) se refere como terrível a história de vida dessas crianças, “[...] *mas é importante notar que sua exploração implacável não era de modo algum confinada ao comércio do sexo, tratava-se de uma condição de vida para todas as crianças de classe baixa*” (p.209). Adiante, relata que não se sabe ao certo quantas milhares de crianças viveram e morreram nestas condições, “[...] *mas no grande esquema das coisas da história sua tragédia foi muito negligenciada, ou pelo menos menosprezada*” (p.209).

Com esses ensaios, em que o contexto se dá pela necessidade de satisfazer e contribuir com a demanda da comunidade e do momento histórico, podemos inserir



o relato de Rossiaud (1991), que retrata a posição da sociedade frente à prostituição, “[...] a sociedade é que cria a prostituição à sua imagem, ou que os grupos sociais é que geram formas de prostituição adaptadas às suas necessidades” (p.12).

Com efeito, a gênese da prostituição foi gerada desde uma antigüidade muito remota e que uma de suas características mais marcantes, como as relações interpessoais de poder do homem sobre e com a mulher, está até os dias de hoje permeando intimamente essas relações, relegando-a à situação de prostituta ao menor sinal que extrapole aquilo que já está convencionalizado como correto.

Roberts (1998) afirma com muita propriedade que:

*“Enquanto as esposas virtuosas dos cidadãos livres de Atenas viviam como prisioneiras e dependentes de seus maridos, permitindo à classe média sobreviver e se estabelecer, as mulheres pobres e escravas que compunham a imensa indústria do sexo regulamentada pelo Estado continuavam a assegurar que o Estado Ateniense obtivesse enormes lucros através da sua cafetinagem em grande escala. Enquanto isso, os filósofos e escritores de Atenas encontravam tempo para inventar o dualismo sexual **moral** que associava todas as coisas boas aos homens e todas as coisas más às mulheres, desse modo entalhando profundamente a misoginia na tradição ocidental”* (p.53).

Outro recorte que realizamos perpassa pelos textos da Bíblia, em que desde a nossa infância os primeiros contatos foram através de algumas leituras, cursos para a primeira comunhão e narrações descritas pelos padres em seus sermões dominicais

e pelas freiras do colégio em que estudamos. Como leitoras ocasionais, conhecíamos as lições morais edificantes e simples, mas não podíamos imaginar o conteúdo real de tantas páginas escritas a respeito das vivências humanas e seus comportamentos.

Na realidade da sua literatura está contemplado o relacionamento humano em suas mais variadas implicações: paixão, ódio, sedução, adultério, estupro, assassinato político, tortura, homicídio, incesto, sacrifícios e prostituição. Encontramos, também, eufemismo e deficientes interpretações para ocultar a verdadeira linguagem do texto hebraico original.

Clérigos de religiões, que se baseiam na Bíblia, encontram pretextos para a repressão, citando capítulos e versículos para condenar o adultério, o divórcio, a homossexualidade e a prostituição.

De fato, na Bíblia podemos encontrar quase tudo dos repertórios existentes, onde Kirsch (1998) relata em seu livro que:

*“A Bíblia é também um tesouro de narrativas sobre as vidas de homens e mulheres inteiramente humanos , ou seja , de indivíduos que se sentiam tão confusos , tão cheios de conflitos , tão desorientados e vulneráveis às fraquezas da carne e aos insucessos do espírito quanto qualquer personagem que constituem a literatura de nossa época” (p.16).*

Portanto, a Bíblia em sua versão original do texto em hebraico contém em seus escritos um arsenal de histórias que foram veladas e/ou ocultadas, com o objetivo talvez de não revelar a verdadeira história da humanidade nessa determinada

época, o que poderia de alguma forma comprometer a finalidade de perpetuar seus ideais e ideologias por todo e sempre.

Percebemos, então, os motivos que talvez impeçam as prostitutas a não procurarem a Igreja Católica para se orientar, pois ali se sentiriam como pecadoras, sem direito a uma vida digna, mesmo continuando na profissão. Estariam fadadas a serem rotuladas, mesmo diante da opção de abandonar a prostituição, o que reforçaria a dicotomia entre a boa/má mulher e mais uma vez se subestimando e estereotipando o seu papel em relação ao homem.

Prosseguiremos esta narrativa, enfocando alguns conceitos e/ou preconceitos que foram sendo incorporados no imaginário da humanidade, como inerentes ao processo de sua formação sem portanto relevar a importância da sua historicidade.

Para Scambler et al. (apud Gomes, 1996):

*“Essa denominação é empregada como um trabalho igual a outro qualquer, definindo a prostituição como uma forma de trabalho sexual, enquanto uma transação de negócios: tem de haver um comprador e um vendedor, comodidade oferecida e preço fixado. Nessa transação troca-se gratificação sexual por uma taxa estabelecida, não havendo nenhuma pretensão à afeição” (p.46).*

Portanto, para esse autor, a prostituta não poderia ter a pretensão de se afeiçoar a nenhum cliente, sendo que muitas delas alimentam o ideal de um dia sair dessa vida ao encontrar com um parceiro ideal, que a respeite e a deseje, acima de tudo o que pode relacionar ao seu passado.

Segundo Uribe Zúñiga (1994), a Organização Mundial da Saúde (OMS) define a prostituição “*como aquela atividade em que uma pessoa faz intercâmbio dos serviços sexuais por dinheiro ou qualquer outro bem. Este fenômeno se dá em qualquer classe sócio-econômica, entre mulheres, homens e menores de idade*”.

Na análise realizada por Engel (1986), a prostituição diante do discurso médico do século XIX, era:

*“[...] definida antes de tudo como doença, adquire um significado bastante amplo”. ... “As palavras prostituição e prostituta revelam que o sentido da doença não se restringe ao aspecto físico, compreendendo também uma dimensão moral e uma dimensão social” (p.169).*

Dessa forma, a prostituição era concebida como uma ameaça não apenas sob a dimensão biológica, mas sobretudo sob o estigma da imoralidade ameaçadora dos bons costumes na família, no trabalho e na sociedade.

A sexualidade estava vinculada à necessidade reprodutiva com reconhecimento do desejo sexual apenas como uma exigência fisiológica. Enfim, considerar a sexualidade sob qualquer outro aspecto seria o mesmo que contemplar uma sexualidade pervertida, inserida no contexto de uma sexualidade doente como uma distorção da natureza.

Verificamos também que a prostituição era concebida como opositora ao papel de esposa/mãe, comprometendo a capacidade moral da mulher para conceber e gerar filhos, como também era vista como uma ameaça à saúde do organismo

físico e biológico, se estendendo para o comprometimento de suas relações com toda a rede social com que convive.

Nesse contexto, foi se legitimando a prostituição como uma sexualidade perversa, baseada no instinto sexual, fora dos padrões morais e sociais, pois não estava associada somente à função biológica de reprodução da espécie humana.

Portanto, podemos notar que, em nenhum momento, levou-se em consideração o ser, por si só, com sua subjetividade e como fonte de sentimentos, angústias, determinações, opções e prazeres, e sim o significado que possui como ameaça à sociedade em suas mais variadas dimensões.

Com efeito, em toda esta trajetória houve a possibilidade de visualizar que o fenômeno da prostituição nunca trilhou caminhos baseados no vazio, mas sim, sempre se entrelaçando com os costumes morais e sociais de uma determinada época acompanhada por mudanças e movimentos políticos e econômicos para satisfazer aos interesses de uma minoria da população que detém e manipula o poder.

Acrescentamos que o caminhar através da história nos demonstrou claramente que grande parte das mulheres se vinculou à prostituição como uma maneira de se estabelecerem economicamente para sobreviverem, apesar das condições subumanas e precárias a que se submetiam.

Atualmente, é notável que mulheres cada vez mais jovens se iniciam nessa prática, na esperança de obter melhores rendimentos e condições de vida que lhes assegurem um maior acesso à aquisição de bens de consumo e sobrevivência.

---

### 2.3- PROSTITUIÇÃO NA ADOLESCÊNCIA: INTERFACES COM A INSTITUIÇÃO FAMILIAR

**A**o nos aproximarmos do universo da prostituição, fomos conhecendo suas múltiplas facetas e a diversidade de fatores que podem contribuir para a sua legitimidade em toda a sociedade. Muitos questionamentos fizeram parte das nossas inquietações relacionadas à temática, como também os motivos que contribuem para o ingresso da adolescente na prostituição e qual a participação da família em todo esse processo.

As reflexões que nos propomos a realizar são preliminares e portanto sem a intenção de produzir uma análise conclusiva com relação ao assunto. Porém apontaremos algumas questões fundamentais, de tal forma a ampliar os horizontes na busca para a compreensão do fenômeno da exploração sexual feminina de adolescentes e suas interfaces com a instituição familiar.

Simon (1999), em sua dissertação de mestrado, faz uma análise baseada em Shaffer & Deblassie, em que:

*“O contexto familiar compreenderia relações intrafamiliares conflituosas em função da educação autoritária dos pais, ou ainda a total alienação e ausência dos pais frente aos filhos. Estas relações facilitariam a criança e/ou adolescente a abandonar o lar e encontrar nas ruas um ambiente mais agradável, ou mesmo obter da prostituição e da gratificação sexual, amor, carinho e atenção não recebidos dos pais”* (p.3).

Silveira (2002) complementa que em meio a essas relações conflituosas, crianças e adolescentes sofrem com ausência de estímulos que poderiam estruturar as bases seguras para o desenvolvimento de suas potencialidades cognitivas, emocionais e sociais.

Para as adolescentes exploradas sexualmente, esse contexto parece sinalizar uma ordem natural das coisas, em que parecem aceitar com resignação essa condição. Estar sem o amparo, o afeto da família e de suas relações podem propiciar relações de domínio sobre esses atores, que nesse momento se apresentam frágeis e sem condições de protestar ou até mesmo oferecer resistência na troca pelo calor do acolhimento que lhe está sendo oferecido, e que tanto buscam e necessitam.

Todas as famílias têm uma história, portanto não se originaram do vazio e sim estão articuladas à história social e econômica do lugar e da época em que vivem, facilitando e ajudando a compreender a sua dinâmica, comportamentos e atitudes

diante da vida, dos filhos, dos relacionamentos e dos conflitos que se apresentam a todo momento.

Segundo Bilac (1995), sobre as teorias da família, *“na medida que reconhecem seu caráter de instituição mediadora entre indivíduo e sociedade – sempre terminam por orientar a análise no sentido de contemplar, simultaneamente, tanto as suas relações internas, quanto as suas relações externas”* (p.43). Dessa forma, podemos verificar a dinâmica das relações entre seus membros (papéis, poder e autoridade), bem como das suas relações com as outras dimensões da vida social, da comunidade e da sociedade em que estão inseridos.

Não pretendemos nos referir à família somente no sentido de aferir-lhe a responsabilidade no fenômeno da exploração sexual feminina de adolescentes, mas seria muito prudente que citássemos Lévi-Strauss (1966), onde:

*“[...] a família se nos afigura como realidade social positiva, talvez a única, sentimo-nos inclinados a defini-la exclusivamente por suas características positivas. Convém salientar o fato de que, sempre que tentamos mostrar o que é família insinuamos também o que ela não é; e os aspectos negativos podem ser tão importantes quanto os outros”* (p.140).

Com efeito, é preciso tecê-la enquanto uma instituição dinâmica, ausente de posturas e relações estáticas, enaltecendo sua diversidade que pode vir a ser uma possibilidade de melhor qualidade de vida, porém em contrapartida estarmos atentos



para o que também poderiam ser situações e aspectos desestruturadores das potencialidades na evolução da instituição familiar, bem como de seus membros.

Tal situação poderia ocasionar a ruptura dos laços, na esperança de encontrar na prostituição tudo aquilo que lhe foi negado como amor, carinho, prazer, possibilidade de formar vínculos afetivos, denotando segurança, entre outros, mesmo que para isso tenha que se prestar às situações de furto e/ou tráfico e uso de drogas.

Causam ainda muitas surpresas e inseguranças as profundas transformações que vêm sofrendo as famílias e que têm provocado mudanças nos papéis, valores e cotidiano familiares. Portanto, é nesse contexto amplo que devem ser pensadas as famílias brasileiras e as famílias que contêm em seu interior o fenômeno da exploração sexual de adolescentes.

No entanto, é importante não culpabilizar essas famílias, pois o momento social, cultural, econômico e político que vivemos deixam-nas sozinhas diante da imensa e difícil tarefa de sustentar, criar e educar seus filhos, sem que tenham a mínima retaguarda que possam estruturá-las diante das situações de adversidades que as permeiam.

A família necessita ser apreendida em suas múltiplas mediações, inclusive nas suas especificidades emocionais, em que para Rey (apud Peres, 2001), “*é importante compreender as subjetividades que envolvem a família, seus estilos de relação e a maneira como eles afetam a atmosfera psicológica entre seus membros*” (p.222).

Romanelli (1997) se refere à família, tecendo comentários que entrelaçam as relações entre seus membros:

*“O cerne da vida doméstica é estruturado por relações de autoridade e de poder, permeadas por vínculos de afetividade. As formas de sociabilidade na família são pautadas pela articulação entre essas relações estruturais e a expressão de sentimentos e de emoções está mesclada, de modo ambíguo e nem sempre explícito, à dominação e também à sua contestação” (p.27).*

Por não serem estáticos, os seus próprios processos de desenvolvimento estarão submetidos a uma desestruturação gradativa das relações e laços entre seus membros. Dessa forma, precisamos olhar essas famílias *“[...] a partir de suas concepções reais, da visão que elas têm de si próprias, de suas vivências familiares concretas, bem como de suas concepções ideais ou expectativas de realização”* (Peres, 2001, p.219).

A diversidade das causas que estão associadas ao fenômeno da exploração sexual feminina de adolescentes pode, então, ser percebida a partir das situações de pobreza, de abuso sexual, as relações de gênero e poder, da raça, da mídia e da hierarquia etária.

Portanto, há uma gama de situações que consideramos adversas como precaução de não banalizá-las e aceitar o que ideologicamente nos foi sinalizado e imposto como “natural”.

A pauperização das famílias brasileiras vem sendo apontada como um dos fatores determinantes do ingresso de crianças e adolescentes na prostituição, pela queda do poder aquisitivo do chefe de família, pelo aumento de mulheres (sozinhas) como chefes de família e pelo crescente desemprego, como modelo socioeconômico

que atualmente vivemos. Bilac (1995) relata esse aspecto nas camadas populares:

*“Uma família que se baseia na articulação entre o trabalho doméstico e o trabalho remunerado, mas que, reiterada, embora intermitentemente, termina por recorrer ao trabalho feminino remunerado e, dada a precariedade deste, ao trabalho das crianças e jovens, ao mesmo tempo em que busca prolongar a escolarização dos filhos [...]”* (p.47).

Contudo esse prolongamento da escolarização não se confirma, pois todo o contexto dessas relações conflituosas agrava as situações de fracasso e evasão escolar e, embora a escola não seja uma garantia de superação desses conflitos, ainda compartilhamos com Silveira (2002) que *“o espaço escolar representa uma oportunidade de resgate e superação das inúmeras carências presentes neste contexto”* (p.63).

A pobreza não é o único determinante da violência estrutural dessas famílias, mas, em suas raízes, encontramos um processo de fragilização social e situações adversas que condicionam a privação de alimentação, moradia, proteção, escola e acentuadas relações intrafamiliares de violência, bem como facilitadas pelo uso e o comércio de drogas ilícitas, pelo alcoolismo, promiscuidade, desemprego e pela frustração social dos seus membros, no cotidiano da sociedade.

Peres (2001) complementa que *“[...] se eles não têm acesso ao mundo do trabalho regular, à saúde, à escola, suas possibilidades de realização acabam ficando restritas, porque o clima psicológico de seu cotidiano fica comprometido pelas tensões e pelos conflitos daí derivados”* (p.227).

Porém não podemos deixar de considerar e compartilhar com Peres (2001) que *“a despeito da pobreza ou da falta de conforto vivido nas famílias reais, são elas que ainda representam a segurança emocional, [...], mais do que a falta de dinheiro, é a afetividade que importa [...]”* (p.226).

Atualmente, a mulher aparece, não raramente, contribuindo com a sua força de trabalho, tanto no que tange ao trabalho assalariado fora do lar, como também no trabalho de algum membro da família, podendo ser uma adolescente, ao deixar este convívio para viver da economia gerada pelo ato de se prostituir, encontrando, mesmo que ilusoriamente, carinho, apoio e diálogo, enfim um clima acolhedor, confirmando o que acima foi mencionado.

Não raro em toda a história da sociedade ocidental está o fato da imagem de mulher a que sempre estivemos relacionadas, ou seja, mãe devotada, esposa dedicada e objeto sexual passivo. Sempre nos foi negada a possibilidade de participação ativa nas instituições sociais, econômicas e políticas, o que gerou como consequência, uma inserção no mercado de trabalho com baixa remuneração.

Rosaldo & Lamphere (1979) relatam que:

*“[...] o mundo social é a criação de ambos agentes masculinos e femininos e que toda compreensão plena da sociedade e qualquer programa viável para a mudança social, terá de incorporar os objetivos, os pensamentos e as atividades do “segundo sexo”* (p.18).

Mais adiante, os mesmos autores discutem que “[...] em todas sociedades contemporâneas, de alguma forma, há o domínio masculino, e embora em grau e expressão a subordinação feminina varie muito, a desigualdade dos sexos, hoje em dia, é fato universal na vida social” (p.19). Constatamos, então, grande carência de uma remuneração digna e adequada no mercado de trabalho para suprir as necessidades básicas para seu sustento e satisfação.

Um das definições para a exploração sexual comercial pode ser muito bem descrita por Campos & Faleiros (2000):

*“[...] como sendo todo tipo de atividade em que uma pessoa usa o corpo ou a sexualidade de uma criança ou adolescente para tirar proveito de caráter sexual, implícito ou não, com base numa relação de poder, pagamento com ou coerção física e psicológica. Envolvendo algum tipo de ganho, financeiro para o adulto” (p.44).*

Visto assim, e como já analisado anteriormente, podemos incluí-la como uma forma de violência em que é bem definida por Loll (apud ABRAPIA, 2001), como uma situação em que aparece geralmente em:

*“[...] relações assimétricas e hierárquicas de desigualdade e/ou subordinação, onde o violador toma decisões sobre a vida do violado, sem avaliar as necessidades básicas e os desejos deste, levando em conta, unicamente, as suas próprias necessidades e seus desejos” (p.3).*

Dessa forma, percebemos nitidamente a desigualdade nas relações entre os sexos e a violência que pode se apresentar sob diversas faces. Uma delas é a que se esconde sob o véu da instituição familiar enquanto espaço velado, privado e protegido, criando um certo isolamento, onde o gênero é uma outra característica que se apresenta como desigualdade básica no exercício da violência nessa instituição, além de ser onde se cultiva o “segredo”. A confiança, o respeito e o afeto são substituídos por abusos na relação de poder do gênero (violência sexual, física e psicológica) e negligência.

Muszkat (1998) afirma que:

*“[...] para tornar-se homem ou mulher é preciso submeter-se a um processo que chamamos de socialização de gênero, baseado nas expectativas que a cultura tem em relação a cada sexo. É a família, como principal agência socializadora, quem tem as suas funções concentradas na formação das personalidades (p.226). [...] Tradicionalmente a violência de gênero tem sido exercida pelos homens sobre as mulheres, e estatisticamente falando, sobre suas próprias mulheres, sejam elas companheiras ou filhas” (p.227).*

Felipe (apud ABRÁPIA, 2001), além de tecer toda essa rede nas relações de poder e dominação em que crianças e adolescentes estão submissas, cita que:

*“A violência sexual não é mais, no tempo em que vivemos, questão de intimidade. É questão ético-política, pois implica dominação, exclusão e extermínio da pessoa como sujeito, aniquilando sua autonomia moral, liberdade física e seu desenvolvimento bio-psico-sócio-político” (p.37).*

Azevedo & Guerra (1989) consideram que o conceito de abuso-vitimização sexual está longe de ser preciso, mas o considera como:

*“todo ato ou jogo sexual, relação heterossexual ou homossexual, entre um ou mais adultos e uma criança menor de 18 anos, tendo por finalidade estimular sexualmente a criança ou utilizá-la para obter uma estimulação sobre sua pessoa ou de outra pessoa”* (p.42).

Esse conceito, como referem as autoras, permite abranger o incesto por se tratar de uma violência sexual doméstica contra crianças e adolescentes, definindo como *“toda atividade de caráter sexual, implicando uma criança de 0 a 18 anos e um adulto que tenha para com ela, seja uma relação de consangüinidade, seja de afinidade ou de mera responsabilidade”* (p.42).

Outra definição encontra-se bem delineada pela Associação Brasileira Multidisciplinar de Proteção à Infância e Adolescência – ABRAPIA (2001), que considera o incesto como *“qualquer relação de caráter sexual entre um adulto e uma criança ou adolescente, entre um adolescente e uma criança, ou ainda entre adolescentes, quando existe laço familiar, direto ou não, ou mesmo uma mera relação de responsabilidade”* (p.9).

Portanto, em nosso entendimento, compartilhamos com Azevedo & Guerra (1989), que se trata de uma definição de grande amplitude, tanto no que se refere ao agressor (maturidade ou não) quanto aos aspectos de proteção da criança e do adolescente em situações consideradas interditas pela lei ou costume.

Com relação à violência física e psicológica, a ABRAPIA (2001) nos traz os conceitos que bem se inserem no contexto analisado.

*“Violência Física: Uso da força física de forma intencional, ou os atos de omissão intencionais, não intencionais, praticados por pais ou responsáveis pela criança ou adolescente, com o objetivo de ferir, danificar e disciplinar esta criança/adolescente, deixando ou não marcas evidentes”.*

*“Violência Psicológica: Rejeição, isolamento, depreciação, discriminação, desrespeito, ameaças, corrupção, expectativas não realísticas, ataques físicos aos objetos da criança, brigas e violências (dos pais) e utilização da criança como objeto pelo adulto, para atender suas necessidades emocionais não resolvidas na infância e adolescência” (p.8).*

O conceito de negligência para Azevedo & Guerra (1989) é definido como:

*“uma omissão em termos de prover as necessidades físicas e emocionais de uma criança ou adolescente. Se configura quando os pais (ou responsáveis) falham em termos de alimentar, de vestir adequadamente seus filhos e quando tal falha não é o resultado das condições de vida além de seu controle” (p.41).*

Um outro conceito que contempla a dimensão necessária para a visibilidade do contexto, encontra-se definido pela ABRAPIA (2001) em que a negligência:



*“Representa uma omissão em termos de prover as necessidades físicas e emocionais de uma criança ou adolescente para seu desenvolvimento. Configura-se quando os pais (ou responsáveis) falham em termos de prover as necessidades físicas de saúde, educacionais, higiênicas de seus filhos e/ou de supervisionar suas atividades de modo a prevenir riscos e quando tal falha não é o resultado das condições de vida além de seu controle” (p.8).*

Com relação ao sexo, embora vitimize meninos, observamos que a criança/adolescente/mulher se apresenta como a vítima mais freqüente. Esta constatação reforça a análise de que esses atores são os mais excluídos entre os excluídos, uma vez que vivemos uma sociedade moldada no modelo patriarcal, no qual o exercício do poder é o prazer em dominar e possuir o outro. Logo, as adolescentes acabam sofrendo os impactos desse processo, sendo feridas em seu processo de desenvolvimento, com ruptura de vivências que beneficiariam a promoção à saúde.

Para Hazeu & Fonseca (1998):

*“O poder (quase) absoluto que um homem tem sobre uma criança, o prazer de dominar/possuir alguém no que tem de mais íntima: sua vida sexual, leva-nos a acreditar que os motivos da violência sexual ultrapassam o prazer sexual, para se constituir como uma forma de abuso de poder. Isto poderia explicar também a dominância masculina entre os agressores, principalmente na conjuntura atual, na qual sua superioridade está sendo questionada (tanto no mercado quanto em casa) e contra a qual esses estão resistindo numa forma violenta” (p.35).*

Através dos movimentos feministas, também podemos verificar que essa relação de poder tem sido amplamente debatida e questionada, considerando esses aspectos históricos, como a relação de dominação entre os sexos, em que a mulher se situa num plano inferior ao homem.

Muszkat (1998) assinala que “[...] *quando falamos de homens violentos estamos referindo a todos os homens que exercem alguma forma de abuso (físico, emocional ou sexual) com sua esposa, companheira ou filhas, ocasionando-lhes algum tipo de dano*” (p. 228).

Complementando e confirmando esse raciocínio, recorreremos à análise de Agudelo (apud Gomes, 1996), em que o conceito de violência abriga elementos constitutivos fundamentais, destacando entre eles o poder, a relação assimétrica, ação contra e ação a favor. Conclui, ainda, que pode se revelar em discretas e sutis redes de micropoderes, como as familiares, em que “[...] *o poder está presente na violência na medida em que esse fenômeno se concretiza a partir do uso da força física, psíquica ou moral e se expressa de forma direta ou indireta a serviço de algo*” (p.112).

O mesmo autor segue a análise em que nessas relações de desigualdade, encontramos na violência, a assimetria através de um poder desigual, e “*quanto maior for a desigualdade, maior será o seu potencial*” (p.112). Quanto à ação contra, “[...] *é uma ação anti que fere, mata, mutila, difama, produz medo, destruindo a individualidade ou as estruturas coletivas*” (p.112).

Complementando, Gomes (1996) relata que temos a violência como uma ação a favor, designando a defesa de um direito para constituir uma nova ordem e outra

legalidade, em que “[...] as diferentes dimensões do problema e a sua complexidade são tão importantes, não para apenas classificar, mas para entender e atuar sobre ele” (p.112).

Portanto, para Agudelo (apud Gomes, 1996), “a violência não se reduz um dano ou a um momento. Ela é um processo orientado para fins determinados a partir de diferentes causas, com formas variadas, produzindo danos, alterações e conseqüências imediatas ou tardias” (p.112).

A dominação do poder exercida pelos homens nas sociedades patriarcais (chefes da instituição familiar) foi durante muito tempo condicionando essa própria natureza de macho, constituindo-se com o passar dos tempos como algo “natural”, determinando que a mulher, seu corpo e sua capacidade sexual e reprodutiva, assim como o produto desse corpo (filhos), se constituíssem em propriedades dos homens e portanto, sob seu domínio, responsabilidade e posse.

*“As pessoas vitimizadas pela exploração, mesmo obtendo algum dinheiro, perdem a autonomia, o direito sobre si, a decisão sobre o seu corpo e seu destino, com conseqüências sobre seu equilíbrio psicossocial, sua saúde, sua educação. A prostituição, para alguns especialistas, não é vista como trabalho e sim como escravidão até mesmo para adultos. Para crianças e adolescentes, representa, de fato, uma forma de escravidão, pois estão envolvidas numa relação de opressão da qual é difícil escapar”* (Faleiros, 1998, p. 12).

Finalizando, acrescentamos as palavras de Chodorow (1979), esperando que essas possam romper as barreiras do tempo e do campo teórico e assumir dimensões

práticas, contribuindo para uma melhor e mais respeitável inserção da adolescente/mulher na vida social:

*“[...] os homens, enquanto garantindo a si próprios a superioridade sócio-cultural sobre as mulheres, sempre permanecem psicologicamente defensivos e inseguros. As mulheres, ao contrário, embora sempre num status social e cultural secundário, podem apesar disso, em circunstâncias favoráveis, adquirir segurança psicológica e um status sólido de valor e importância” (p. 89).*

Conforme já expressado anteriormente, o referido estudo não teve a intenção de ser conclusivo em suas abordagens, mas sim contribuir com o brotar de alguns aspectos fundamentais para a compreensão do fenômeno da exploração sexual feminina de adolescentes e suas interfaces com a instituição familiar.

Com efeito, esses aspectos se inserem neste contexto como premissas básicas ao seu entendimento, reflexão e discussão. Portanto, neste processo, procuramos problematizar algumas questões, apontando para a necessidade de incluí-las na pauta das discussões referentes ao fenômeno, tão oportuno que se apresenta em toda a sociedade contemporânea.

Atualmente, a família vem sendo projetada como o cerne das políticas sociais, educacionais e de saúde, cabendo portanto, incluí-la em sua agenda, de forma a respeitar e considerar sua historicidade, o contexto em que se insere e sua diversidade, numa sociedade repleta de situações adversas como a que vivemos.

Acreditamos que se estivermos atentos e concebermos esses múltiplos aspectos, exerceremos uma interferência positiva nas posturas frente ao fenômeno quanto à implantação de estratégias que previnam tais agravos e conseqüentemente o abandono de adolescentes do seio familiar para encontrar na prostituição, mesmo que ilusoriamente, aquilo que lhes foi negado.

### *3 O CAMINHO METODOLÓGICO*

### 3.1- DEFININDO O MODELO DE PESQUISA

Consideramos este estudo como uma Pesquisa Social e segundo Minayo (1999), entraremos num campo que permitirá “penetrar num mundo polêmico onde há questões não resolvidas e onde o debate tem sido perene e não conclusivo” (p.20). Adiante, a autora cita que “o objeto das Ciências Sociais é essencialmente qualitativo” (p.21), contraditório, complexo e em constante transformação. Dessa forma optamos pela metodologia com abordagem qualitativa, em que qualquer investigação social necessita revelar o aspecto primordial do seu objeto, que se traduz basicamente no qualitativo.

Com efeito, pretendemos com este estudo revelar o sujeito em seu contexto individual e coletivo com suas crenças, valores e sentimentos, considerando como premissa básica “suas relações entre indivíduo e sociedade; bem como sua estrutura e significados; entre sujeito e objeto; entre fato e valor” (Minayo, 1999, p.9).

---

No trabalho de campo com o objeto da pesquisa em questão, é importante relacionar essa vivência do cotidiano, através da diversidade nas relações sociais, considerando seus anseios, afetividades e inter-relações pessoais, sempre lembrando, como cita Minayo (1999): *“fazem parte de uma relação de intersubjetividade, de interação social com o pesquisador, daí resultando um produto novo e confrontante tanto com a realidade concreta como com as hipóteses e pressupostos teóricos, num processo mais amplo de construção de conhecimentos”* (p.105).

Confirmando esses aspectos, Haguette (1999) identifica que na pesquisa qualitativa podemos captar aspectos psicológicos do inconsciente que estão reprimidos, não sendo portanto, tão fácil de serem articulados; como é caso dos estudos referentes à prostituição.

Referindo-se às cinco modalidades de pesquisa classificadas por Bulmer (apud Minayo, 1999), optamos pela Pesquisa Estratégica por considerá-la como a que melhor se insere neste tipo de investigação, e descreve que:

*“A Pesquisa Estratégica baseia-se nas teorias das ciências sociais, mas orienta-se para problemas que surgem na sociedade, ainda que não preveja soluções práticas para esses problemas. Ela tem a finalidade de lançar luz sobre determinados aspectos da realidade. Seus instrumentos são os da pesquisa básica tanto em termos teóricos como metodológicos, mas sua finalidade é a ação. Essa modalidade seria a mais apropriada para o conhecimento e avaliação de Políticas, e segundo nosso ponto de vista, particularmente adequado para as investigações sobre Saúde”* (p.26).



---

Portanto, nos propusemos a construir um conhecimento amplo, reflexivo e profundo, sem a pretensão de determinar resoluções, solucionar questões ou até mesmo ser totalmente conclusivas, como se o fenômeno em questão fosse estático e pontual, porém visamos contribuir para a área da saúde, especialmente a Enfermagem, com alguns subsídios que consideramos importantes no planejamento de estratégias de intervenção, desvelando a multiplicidade de fatores intrínsecos e sua realidade histórica.

Dessa forma, relevamos nesta pesquisa o sujeito em sua subjetividade, bem como em sua coletividade como alguém “*que elabora conhecimentos e produzem práticas adequadas para intervir nos problemas que identificam*” (Chizotti, 2000, p. 83), valorizando suas relações com o outro, com o mundo e os significados que se estruturam em torno dessa situação.

### 3.2- INSTRUMENTO UTILIZADO NA COLETA DOS DADOS

**A**creditamos que para melhor entendermos o mundo e a realidade dos atores sociais envolvidos na investigação, é necessário estabelecer técnicas para o levantamento dos dados, o que possibilita ao pesquisador uma maior integração com os mesmos, no sentido de ampliar a compreensão do fenômeno em suas várias dimensões.

Consideramos o trabalho de campo de extrema importância para a investigação, pois é nesse momento que se estabelecerá a interação do pesquisador com os sujeitos pesquisados, e segundo Minayo (1999), onde a fala poderá *ser reveladora de condições estruturais, de sistemas de valores, normas e símbolos* (p.109), e que particularmente revelará não somente o contexto em que essas relações vêm se dando, mas o enfoque histórico, social e cultural específico.

---

Para as finalidades a que se propõe esta investigação, optamos como estratégia a técnica de História de Vida, pois Minayo (1999) baseada em Denzin, considera que:

*“A História de Vida apresenta as experiências e as definições vividas por uma pessoa, um grupo, uma organização, e como esta pessoa, esta organização ou este grupo interpretam sua experiência” (p.126).*

Contudo pelos vários tipos de história de vida, optamos pela História de Vida Tópica que conforme a mesma autora relata, *“ela dá ênfase a determinada etapa ou setor da vida pessoal ou de uma organização”* (Minayo, 1999, p.126). Adotamos para a sua realização, a entrevista prolongada que proporcionará ao pesquisador uma constante interação com o sujeito e que conseqüentemente trará maior riqueza nos resultados dessas informações.

Haguette (1999) enfatiza que na História de Vida, além da noção de processo, *“a riqueza de detalhes que pode advir das informações coletadas junto aos sujeitos, pode sugerir novas variáveis, novas questões e novos processos que podem conduzir a uma reorientação da área”* (p.82). Com isso investigamos o fenômeno a partir do ponto de vista dos sujeitos que exercem a prostituição, objetivando obter informações fidedignas e condizentes com o estudo em questão.

Por ser uma entrevista aberta, a História de Vida não contempla um roteiro previamente estabelecido, porém apenas solicitamos que as adultas jovens,

*O Caminho Metodológico*

---

profissionais do sexo, falassem sobre a experiência de sua trajetória na prostituição, desde o período de sua iniciação na adolescência.

Ao iniciarmos a entrevista, procuramos apenas ressaltar alguns aspectos que servirão para nortear a entrevista (Anexo A), como: os motivos e os aspectos facilitadores para ter se iniciado na prostituição na adolescência, o significado da prostituição na adolescência, segundo a experiência de uma adulta jovem, profissional do sexo, bem como o significado hoje em suas vidas, prevenção de DSTs na adolescência e atualmente, e as expectativas de futuro para suas vidas.

### 3.3- CARACTERIZAÇÃO DO CAMPO DE ESTUDO

C om o objetivo de melhor apresentarmos o nosso campo de estudo, procuramos realizar um recorte espacial, caracterizando e ilustrando com algumas características e dados populacionais o Brasil, seguido da região Sudeste, o estado de São Paulo e por fim o município de Ribeirão Preto, local em que foram realizadas todas as atividades deste estudo.

De acordo com dados do IBGE (2000), o Brasil conta com um total de 169.799.170 habitantes, onde 35.287.885 habitantes estão na faixa etária de 10 a 19 anos de idade, quase 21% do total de brasileiros. A população residente acima de 10 anos, compreende 136.881.115 habitantes e destes, 119.328.353 de habitantes são considerados alfabetizados, sendo quase 16 milhões de brasileiros analfabetos.

Somente na região Sudeste, temos 72.412.411 habitantes, o que a faz ser considerada a região mais rica do país, não só em renda *per capita* como também por uma economia altamente industrializada e um forte setor agropecuário.

O estado de São Paulo possui 37.032.403 habitantes, o que corresponde a mais de 50% da população de toda a região Sudeste.

Nesse cenário, conforme os dados do IBGE (2001), Ribeirão Preto se apresenta com 514.160 habitantes, o que a faz ser considerada uma cidade de médio porte, não só pela sua extensão, mas pelo seu grande potencial, no setor da agricultura e comércio.

A cidade, hoje, recebe grande volume de migrantes a cada dia, sendo atraídos pelo setor da cana-de-açúcar, agricultura, construção civil e possibilidades de emprego no comércio.

Segundo dados do IBGE, a força de consumo de Ribeirão Preto, que tem três *shoppings centers* e cerca de 13 mil outros estabelecimentos comerciais, está na população “estrangeira”. Mais da metade dos moradores do município migraram de outras cidades. São potenciais compradores, os cerca de 150 mil representantes da população flutuante que passa diariamente pela região, representando 49% da arrecadação do ICMS.

O turismo de negócios também contribui para a economia local, investindo na instalação de grandes redes de hotéis, movida principalmente por ser o centro regional tanto para convenções, seminários e encontros de universitários como para os grandes negócios.

Outro fator que possibilita sua expansão é o setor educacional, com um grande fluxo de estudantes de ensino médio e superior, o que contribui também para aumentar o movimento das transações imobiliárias.

Só no ensino superior, o município conta com dois grandes Centros

Universitários, uma Faculdade e três Universidades com grande concentração de cursos nas mais variadas áreas do conhecimento.

O município está dividido em cinco Distritais de Saúde, sendo a Distrital do Simione localizada na zona norte, o local em que foi realizado este estudo, especificamente em três bairros ( Jardim Salgado Filho I, Parque Industrial Avelino Palma e Jardim Aeroporto), que apresentam grande concentração de motéis, chácaras de prostituição, prostíbulos, boates e prostituição de rua, concentrando uma média de dez profissionais do sexo por local, perfazendo uma média mensal de 180 profissionais do sexo, dados esses mapeados e registrados pela Unidade de Prevenção do Programa Municipal de DST/Aids.

Nas ruas ao redor dos motéis e avenida, encontramos uma média diária de 15 garotas de programa, sem horários específicos, podendo ser encontradas pela manhã em menor quantidade e maior concentração no período da tarde e da noite. Essa área, em específico, é muito conhecida pela sua existência há dezenas de anos, sendo vulgarmente chamada de “cerrado”.

Para melhor caracterizar a prostituição em Ribeirão Preto, incluímos os dados de uma Organização Não-Governamental (ONG), através de relatórios mensalmente enviados à Unidade de Prevenção do Programa Municipal de DST/Aids, que realiza o trabalho em duas outras áreas de grande concentração de profissionais do sexo, perfazendo assim uma média de 280 pessoas inseridas nessa prática.

Essa outra área é bem definida por Farinha (2001) “*em outra região conhecida como **alto da cidade**, [...] fazem seus pontos em pequenos grupos*” (p.88). Complementa citando que há travestis e mulheres, e os programas podem ser feitos

em motéis e *drive-in* próximos. Cita também a região da *baixada*, com grande concentração de imóveis antigos onde se instalam hotéis que alugam seus quartos e/ou apartamentos para servirem à prática da prostituição. Mais adiante relata que alguns motéis e hotéis da cidade costumam ter um *book* ou uma lista de profissionais do sexo com nome e número de telefone, para entrar em contato e servir aos seus clientes.

O presente estudo foi realizado com adultas jovens que exerceram ou exercem a prática de prostituição na zona norte de Ribeirão Preto, em específico nos três bairros anteriormente citados. Na seleção das adultas jovens, profissionais do sexo, utilizamos os seguintes critérios de inclusão no estudo:

- (a) consentir em participar da pesquisa, através da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo B);
- (b) estar na faixa etária de 20 a 24 anos de idade;
- (c) ter iniciado a prática da prostituição no período da adolescência;
- (d) ter cinco ou mais anos de experiência nessa prática.

\* O tempo que exerce a prostituição, desde o início da prática até o momento, pode ser ininterrupto ou não.

Esses bairros compreendem uma grande parcela da população em situação de pobreza e, nas favelas mais periféricas, encontramos a situação de miséria absoluta, acrescendo-se a isso a grande carência de equipamentos sociais e educacionais para o nível médio. Outra carência se encontra na ausência de instituições públicas como creches, centros comunitário e de lazer, deixando grande parte da população de crianças e adolescentes na rua, fora do horário escolar.



*O Caminho Metodológico*

---

Atualmente, essa região conta com o Programa de Agentes Comunitários de Saúde (PACS), experiência esta que vem se estabelecendo em parceria com outros programas da Secretaria Municipal da Saúde, inclusive com o nosso grupo de trabalho que já está na área há mais de cinco anos com ações de prevenção e promoção à saúde, com a população específica dos profissionais do sexo.

Portanto, grande concentração de casas de família mescla-se a essa realidade, e como não poderia deixar de ser a prática do tráfico de drogas acrescido de um considerável número de homicídios e violência em geral.

### 3.4 - A ANÁLISE DOS DADOS

**P**ara o tratamento e análise dos dados, utilizamos como método a análise de conteúdo proposta por Bardin (1977), que consiste em um “conjunto de técnicas de análise das comunicações” (p.31). Trata-se de um método que possui duas funções e que, na prática, podem coexistir de maneira complementar:

- *Uma função heurística: a análise de conteúdo enriquece a tentativa exploratória, aumenta a propensão à descoberta.*
- *Uma função de administração da prova. Hipóteses sob a forma de questões ou afirmações provisórias, servindo de diretrizes, apelarão para o método de análise sistemática para serem verificadas no sentido de uma confirmação ou de uma infirmação (Bardin, 1977, p.30).*

Portanto, além de nos conduzir para desvelar aquilo que foi proposto, constitui-se também como peculiaridade fundamental, poder realizar *inferências* a partir do conteúdo dos dados coletados, ao termos clareza quanto ao referencial teórico que irá nortear o estudo. Triviños (1987) complementa esse raciocínio ao

relatar que “*não será possível a inferência se não dominarmos os conceitos básicos das teorias que, segundo nossas hipóteses, estariam alimentando o conteúdo das mensagens*” (p.160).

A análise de conteúdo, de acordo com Bardin (1977), “[...] utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens” (p.38). Segue analisando a finalidade da análise de conteúdo: “*A intenção da análise de conteúdo é a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção (ou, eventualmente, de recepção), inferência esta que recorre a indicadores (quantitativos ou não)*” (p.38).

Portanto, a inferência será permitida pelos indicadores quantitativos ou não, podendo revelar o que conduziu a um determinado enunciado (causas) e as conseqüências que poderão provocar (possíveis efeitos).

Para Minayo (1999), trata-se de um método que na sua operacionalidade, além de confirmar os pressupostos da pesquisa, permitirá chegar a uma profundidade mais complexa, ultrapassando os significados manifestos dos dados, desvendando seus conteúdos latentes (não quantificáveis), articulando com variáveis “*psicossocial, contexto cultural, contexto e processo de produção da mensagem. Para isso a análise de conteúdo em termos gerais relaciona estruturas semânticas (significantes) com estruturas sociológicas (significados) dos enunciados*” (p.203).

Em nosso estudo, dentre as várias técnicas de análise de conteúdo propostas por Bardin, utilizamos a “análise temática” que Minayo (1999) considera ser uma

das formas “*que melhor se adequam à investigação qualitativa do material sobre Saúde*” (p.204).

A modalidade análise temática “*consiste em descobrir os núcleos de sentido que compõem a comunicação e cuja presença, ou frequência de aparição podem significar alguma coisa para o objetivo analítico escolhido*” (Bardin, 1977, p.105). Complementando, Minayo (1999) refere que “*qualitativamente a presença de determinados temas denota os valores de referência e os modelos de comportamento presentes no discurso*” (p.209).

Bardin (1977) define o **tema** como “*uma unidade de significação que se liberta naturalmente de um texto analisado segundo certos critérios relativos à teoria que serve de guia à leitura*” (p.105). Portanto, o tema poderá estar representado nas frases, em uma ou várias afirmações ou em palavras. “*É geralmente utilizado como unidade de registro para estudar motivações de opiniões, de atitudes, de valores, de crenças, de tendências, etc*” (Bardin,1977, p.106).

Para o tratamento do material coletado, utilizamos as etapas propostas por Bardin, citadas por Minayo (1999), com o objetivo de melhor organizar, explorar e tratar os resultados obtidos da entrevista, mas em se tratando de “Histórias de Vida”, foi necessário, no processo e na análise final, realizar algumas adaptações para essas etapas:

- primeiramente procedemos à transcrição das fitas, gravadas em gravador cassete, das histórias de vida realizadas individualmente;
- a fase de pré-análise (organização do material), consistiu de **leitura flutuante**

(contato exaustivo do material, atentando para o seu conteúdo), **constituição do corpus** (responder a normas de validade), contemplando *exaustividade* (aspectos levantados no roteiro), *representatividade* (universo pretendido), *homogeneidade* (técnicas, entrevistas e temas idênticos), *pertinência* (documentos analisados com adequação ao objetivo do estudo) e determinação da unidade de registro através de palavra-chave/frase, modalidade de codificação e aportes teóricos que balizaram a análise;

- a fase de exploração do material compreendeu a codificação dos dados, permitindo desvendar os conteúdos latentes, transformando-os em unidades temáticas, classificando-as às categorias teóricas;
- procedemos ao tratamento dos resultados obtidos e a interpretação, relevando as informações obtidas e a partir daí propomos inferências, relacionando ao quadro teórico proposto.

Acreditamos que, através da análise temática, não estamos apenas realizando a interpretação de textos, mas sim caminhamos para uma maior complexidade e aprofundamento da análise dos dados coletados. Minayo (1999) enfatiza que se trata de uma técnica “*bastante formal e mantém sua crença na significação da regularidade. [...] o tratamento dos resultados trabalha com significados em lugar de inferências estatísticas*” (p.211).

## *4 RESULTADOS E DISCUSSÃO*

#### 4.1 CARACTERIZAÇÃO DOS SUJEITOS

**A**o iniciar a coleta de dados, pensávamos, a princípio, que teríamos

uma certa facilidade pelo vínculo já estabelecido em todos esses anos de trabalho em campo com as profissionais do sexo.

Em todos esses anos de trabalho não foram raras as vezes em que, através de conversas informais, fomos procuradas pelas jovens para conversarmos sobre os seus problemas, o cotidiano, situações conflituosas, casos de violência e até mesmo de suas vidas, passado, presente e futuro.

Todavia, durante a pesquisa, ao explicarmos sobre o estudo que estávamos desenvolvendo, o fato de que seriam entrevistas gravadas, algumas delas não concordavam, ficavam com os olhos cheios de lágrimas, “engasgadas” e sem

conseguir falar. Apenas diziam chorando, olhando para o gravador, que não conseguiriam. “*Não, ... não dá pra falar de tudo isso, ... Não vou conseguir!*”.

Pelo respeito que temos por todas elas e pelos princípios éticos, não insistimos na entrevista.

### *Resultados e Discussão*

---

Já com outras, conseguíamos iniciar as entrevistas, mas, após começarem a fala sobre as suas vidas repleta de adversidades e o que isso representou para elas, começavam a chorar de forma compulsiva.

Nesses momentos, parávamos com a entrevista e conversávamos para que elas se tranquilizassem. No entanto, quando reiniciávamos, tudo se repetia e as próprias entrevistadas diziam: “*Minha vida não é boa, ... nunca foi ... porque falar dela? ... não vai dar*”. E mais uma vez, as entrevistas foram interrompidas.

Em três casos, não conseguimos as entrevistas apesar de várias vezes terem sido marcadas com antecedência em local, que elas achavam apropriado. Algumas vezes, elas estavam fazendo programa com seus clientes, em outras não conseguíamos encontrá-las no local marcado. Por fim, nunca mais encontramos essas profissionais do sexo, que alguns diziam terem mudado para outras cidades.

Portanto, confirmamos aquilo que temos presenciado ao longo desses anos, em que a população de profissionais do sexo nesta região é bastante flutuante.

Outro impedimento também se acresce a esse contexto, em que duas vezes, mesmo com a entrevista marcada, não pudemos realizá-las, pois as entrevistadas se encontravam sob o efeito de bebidas alcóolicas e outras drogas como a maconha e o crack e elas mesmas diziam que naquele momento não seria possível.



---

Dessa forma, ficam claros os vários desafios que tivemos que enfrentar e superar para a conclusão da coleta de dados, inclusive com relação ao tempo.

Finalmente, foram entrevistadas quatro adultas jovens, profissionais do sexo, no decorrer de um ano (maio de 2002 a maio de 2003), seguindo os critérios de inclusão no estudo de acordo com o Anexo A.

### *Resultados e Discussão*

---

Diante da amostra, a idade dos sujeitos pesquisados variou de 21 a 24 anos de idade. E quanto à procedência, todas vieram de outras cidades, sendo três delas, de outros estados (Goiás, Paraná, e Espírito Santo).

O grau de escolaridade variou desde a 5ª série ao 1º ano do ensino médio, em que três dos sujeitos entrevistados não completaram o ensino fundamental e apenas uma delas chegou a completar a 1ª série do ensino médio. A idade que iniciou a prostituição variou dos 13 os 17 anos, sendo que uma delas iniciou com 13 anos, outra com 15 anos e duas com 17 anos.

Chamou-nos a atenção o fato de que três das entrevistadas são primogênicas. Verificamos também que uma delas, o pai não é biológico, ou seja é padrasto, com o detalhe de que foi concebida pela mãe em um relacionamento simultâneo ao casamento atual. Outra entrevistada, a mãe é a madrasta, sendo também concebida em um relacionamento simultâneo ao casamento atual.

A seguir, iniciaremos a análise de conteúdo proveniente dos discursos inseridos nas Histórias de Vida, através dos resultados e discussão.

Pela exploração e codificação do material analisado, tivemos que reagrupá-lo com relação ao tempo e ao espaço, pois não havia uma seqüência lógica temporal e

espacial. Evidenciamos nas falas, situações vividas, mescladas de experiências das vivências do passado, presente e muitas vezes expectativas de futuro.

Com base no referencial teórico e metodológico adotados, procuramos conhecer e analisar o contexto e os significados da exploração sexual feminina de adolescentes, através da experiência revelada pelas adultas jovens, profissionais do sexo.

### *Resultados e Discussão*

---

E como mencionamos anteriormente, realizamos todo o processo de análise, em que após a leitura flutuante de todo o material transcrito, pudemos identificar três grandes núcleos temáticos, sendo um deles analisado através de dois subtemas.

#### *4.2- Histórias de Vida: A Experiência*

##### *4.2.1- Núcleo Temático 1*

##### *Em Cena: o contexto familiar*

**E**ste núcleo temático, configurou-se em dois subtemas: Relações familiares conflituosas e a Violência Intrafamiliar, pela

complexidade de sua dimensão, possibilitando assim, uma maior compreensão e análise do tema emergido nas falas dos sujeitos entrevistados.

### *Resultados e Discussão*

---

#### *Subtema 1 - Relações familiares conflituosas*

**E**m todas as famílias, permeia um complexo de relações que se articulam à história social, cultural e econômica do lugar em que vivem. Nesse contexto, dependendo dos atributos que foram oferecidos aos seus membros, as situações conflitantes poderão ser vividas de forma tranqüila ou não, deixando profundas marcas que se refletirão futuramente.

Pelo fato de que três das entrevistadas são primogênicas, pensamos ser imprescindível uma análise primordial desse contexto. Acreditamos que o

primogênito, de uma maneira geral, carrega consigo uma grande carga de expectativas e responsabilidades por parte não só dos pais, mas de todos os membros familiares.

Perez (2002), em sua pesquisa realizada com filhos primogênitos, observou que, além das expectativas, ocorre um grande nível de exigência quanto aos encargos

### *Resultados e Discussão*

---

domésticos, muitas vezes inadequados para a idade cronológica que os filhos se encontram no momento, podendo acentuar as situações de conflitos e estresse. Também fica salientado que, quando se trata de primogênitos do sexo feminino, essa situação tende a aumentar essa zona de conflito, pelo fato de aumentarem as exigências e expectativas. Muitas vezes, esses filhos acabam sendo os depositários de angústias e dificuldades dos genitores.

Compartilhamos com Ríos-González (apud Perez, 2002), que é importante que se reflita sobre a seguinte afirmação: “[...] *O conflito do primogênito é que lhe é exigido como se fosse adulto, quando não o é. Fica ameaçada aqui a liberdade necessária para que a criança seja criança de verdade*” (p.130).

Verificamos nas falas dos sujeitos entrevistados, uma grande lacuna deixada nas situações de abandono ou morte da mãe e também a forma como foram convivendo com o fato de não serem filhas biológicas de um dos pais.

Essa percepção pode ser evidenciada através das falas que relacionamos.

*“Com 5 anos, 5 anos ... Só era eu, minha mãe só era amante do meu pai, né? ... Saber? Bem depois, já com quase 15 anos” (A1).*

*“Eu acho que o abandono da minha mãe ... minha mãe eu acho que me motivou ... Acho que o abandono da minha mãe que me fez ... a revolta de às vezes ter que perguntar alguma coisa e não ter uma mãe para perguntar” (A1).*

### *Resultados e Discussão*

---

*“Eu não tenho mãe, ... minha mãe faz 7 anos que faleceu. Sentir falta dela eu sinto, mas foi porque eu quis mesmo começar nessa vida” (A2).*

*“Tudo foi partir que havia muitas brigas. O meu pai não tem condições que preste pra cuidar de uma criança, ele não teve condições nem pra cuidar de nós que é filho. Ele só sabia de violência, de brigar e xingar, ... por mais que eu passava por cima, ele vinha e me humilhava cada vez mais” (A3).*

*“... uns 8 ou 9 anos de idade, não me recordo bem, ... fiquei sabendo que meu pai não era meu pai, ... uma criança se revolta por saber que o pai não é o verdadeiro” (A4).*

*“... ficar numa família que a minha irmã me chama de bastarda, ... pô minha mãe já morreu. Simplesmente ocorreu um assassinato, jogaram a minha mãe do quinto*

*andar. Eles me tratam como uma filha bastarda só porque eu não sou da cor deles, não tenho o sangue deles” (A4).*

*“Como eu não tinha uma família unida, ... eu tive mesmo que ter entrado, foi por necessidade, ...” (A4).*

Percebemos, que no interior das próprias famílias, ocorre um processo de exclusão diante da realidade que se apresenta, inclusive com ruptura nas relações de confiança, respeito e afeto. O sentimento que aflora de não pertencer ao núcleo

#### *Resultados e Discussão*

---

familiar, como os outros membros, faz emergir um grande anseio de procura por uma identidade, que não mais consegue apreendê-la no interior das suas relações.

Verardo et al. (1999) ressaltam que *“A família pode se organizar em torno dos pais biológicos ou não, casados ou separados, substitutos, parentes ou amigos. Os laços consangüíneos não são tão determinantes quanto a relação que se estabelece entre seus membros”* (p.29).

Ao núcleo familiar cabe a responsabilidade de prover a sua criação e educação, porém quando essas relações se encontram desestruturadas, temos uma rede de conflitos emergindo e condicionando as relações em seu interior.

Uma saudável elaboração desses conflitos contribuiria para que a família cumprisse com o seu papel, o que podemos ilustrar com a análise de Verardo et al. (1999), *“O núcleo familiar permitirá exercitar a vida social futura, fabricando indivíduos com maturidade emocional, capazes de adquirir independência e de garantir sua integridade física, psíquica e moral”* (p.29).

Por outro lado, verificamos a forma como foi elaborado o luto pela morte da mãe (A4), como também as condições em que o fato ocorreu, gerando uma fragilidade ainda maior de seus sentimentos, favorecendo a adoção de atitudes e comportamentos de revolta e agressividade.

Quanto ao abandono e à perda da mãe, Verardo et al. (1999) citam que nessas situações, “[...] *tudo se torna diferente, havendo necessidade de adaptar-se não só a novos hábitos, mas a novos sentimentos. Perdem o objeto de amor, ... partem em busca de novas relações*” (p.30).

### *Resultados e Discussão*

---

Na entrevista A2, percebemos que ao mesmo tempo que fala de um opção sua por ter iniciado a prática da prostituição, também retrata um sentimento de perda da mãe há sete anos e sabemos que iniciou na prostituição há seis anos. Portanto, fica clara a carência para a elaboração da perda, do luto.

Dimenstein (1994) também analisa sobre a perda, o abandono e a morte de um dos genitores, citando que “*uma das conseqüências é a gradual desestruturação da família*” (p.70).

Verificamos em outra fala, considerações da mesma natureza:

*“Eu tava me sentindo assim, aliviada porque eu tinha saído da minha casa. [...] os meus irmãos são bem morenos e eu sou a branquinha, ... as pessoas falavam que eu era bastarda na escola, sabe ... que eu tinha sido achada na lata do lixo, aí aquilo me revoltou, aí quando*

*eu tive a primeira oportunidade pra sair de casa, eu não pensei, enfrentei o mundo” (A1).*

Em todas as entrevistas, verificamos que sempre há alguém que de alguma forma as encaminha para a prostituição, confirmando o fato de que como não se sentem apoiadas e com um referencial sólido na instituição familiar, acabam por encontrar em outras pessoas aquilo que vem procurando e de que tanto necessita.

*“Acabei vindo para cá, pra Ribeirão. [...] a moça que me trouxe, já me trouxe para dentro de uma boate, né? (A1).*

#### *Resultados e Discussão*

---

*“Lá não é a minha família, era meu pai, mas não era a minha ... aí comecei a passear, a viver com drogas, cê entendeu?(A1).*

*“Eu fui conhecer com umas amigas minhas, aí foi quando eu fiquei conhecendo a boate, né?(A2).*

*“[...] eu continuei indo pra escola, e ao sair, encontrei uma amiga que era ..., que teria uma boate. A dona da boate me falou que não era uma boate, e sim uma lanchonete. Só que depois era um boate, era prostituição, a gente ia pro quarto com os homens ...” (A3).*

*“Eu já não tinha onde dormir, conheci uma pessoa que eu ia ter um teto, se eu fosse aviãozinho. [...] Aí conheci uma*



*travesti, ela falou que seria mais fácil ser garota de programa do que ficar correndo da polícia. [...] eu te arrumo um lugar pra você dormir e você vai se prostituir” (A4).*

A ausência do diálogo também se conforma como outro aspecto que agrava os conflitos intrafamiliares e as relações entre seus membros, como carinho, respeito e aproximação como elo de ligação. Peres (2001) cita que *“Para alguns, falta de tempo para conversar, e outros alegam que não sabem muito bem como fazê-lo”* (p.223).

#### *Resultados e Discussão*

---

Compartilhamos da idéia de que muitas vezes esses aspectos acontecem simultaneamente, propiciando aos seus membros falta de informações, como também a forma de como se comunicar. Além da desestruturação e afastamento, também temos como consequência, um comprometimento nas situações que envolvem a sexualidade, prevenção da gravidez e das doenças sexualmente transmissíveis e Aids. E isso, fica muito bem evidenciado através das seguintes falas.

*“Lá em casa as pessoas têm muito respeito, então ninguém não comenta sobre muita coisa” (A1).*

*“O meu namorado quando eu perdi a minha virgindade, olha só a cabeça, [...] tô tomando 2 por dia, porque eu não sabia como eu tinha que fazer. Aí a mãe dele me explicou. [...] foi com 14 anos, [...]” (A1).*

*“Eu tinha noção de como me prevenir das doenças e da gravidez, porque eu já tinha conversado muito com minha mãe sobre isso, tinha conversado muito com minhas amigas assim, mais sérias da boate ...” (A2).*

*“A primeira vez foi com meu namorado e a gente não usava camisinha, e hoje eu só transo com camisinha, sei como colocar, como usar [...], tinha mulher que quando tinha alguma coceira na vagina, algum ardume, a dona da boate passava limão. [...] eu não sabia assim de segurança, transava sem camisinha, os homens não gostavam, né. Eu acho que já era um problema” (A3).*

#### *Resultados e Discussão*

---

*“uai! Já que eles falam que eu não sou mais virgem, eu vou mostrar pra eles que eu não sou mais mesmo, pra eles acabar com isso. Aí eu tirei minha virgindade com um rapaz que tinha 18 anos e eu 12 anos de idade, fiquei grávida, perdi o nenê” (A4).*

*“Da primeira vez, eu não sabia o que fazer, eu não sabia o que conversar, ou que preço a expor, né, da minha pessoa, aí eu fiquei perdida,[...] o rapaz me deu a camisinha na mão, eu coloquei, tudo, só que o oral não. [...]eu nem sabia o que era preservativo, né, tinha 17 anos [...]” (A4).*

Iossi (2000) retrata a dificuldade e despreparo que os pais enfrentam ao se tratar de assuntos relacionados à sexualidade. Aponta que devido à repressão a que

sempre foram submetidos, “[...] preferem não tocar no assunto, pois convivem com a ambivalência de antigos valores e novas situações, não sabendo de fato como orientar seus filhos, [...]” (p.100).

Adiante, a mesma autora confirma o que nos foi revelado nas falas, enfatizando que os pais acabam “deixando essa tarefa para as instituições, amigos ou profissionais, por acreditarem que estes possam saber mais e completo” (p.100).

Rodrigues Jr. (1993) ressalta que “o jovem só conversa sobre sexo com os pais se estes já falaram sobre o assunto anteriormente, já demonstrando permissão para discutir a questão” (p.103).

Predebon (2002) também compartilha dessas idéias ao citar que:

#### *Resultados e Discussão*

---

*“[...] a família, além de ser o grupo social que deveria proporcionar suporte emocional adequado, por meio de um ambiente de trocas, diálogo aberto e orientação sexual, ainda está encontrando dificuldades em abrir espaços para discutir estes assuntos com os filhos” (p.162).*

Portanto, acreditamos que a responsabilidade da família, em especial dos pais, é de fundamental importância na aquisição de informações mais precisas que propiciem aos adolescentes conhecer a sexualidade de maneira integral e correta.

Outros adultos também podem ser significativos na aquisição de conhecimentos, mas, no caso dos sujeitos entrevistados, vimos que foram momentos em que justamente já não mais se encontravam numa instituição escolar, local que poderia ser fonte de informações através de professores bem preparados.

Suplicy et al. (1994) citam que:

*“O trabalho de orientação sexual procura ajudar crianças e adolescentes a terem uma visão positiva da sexualidade, a desenvolverem seus próprios valores a partir de um pensamento crítico, a compreenderem o seu comportamento e o do outro e a tomarem decisões responsáveis a respeito de sua vida sexual, agora e no futuro” (p.8).*

Complementamos com a análise de Rodrigues Jr. (1993) em que *“Os conflitos podem ser facilmente superados através do diálogo e da obtenção de informações, satisfazendo a curiosidade e sede de saber da adolescência” (p.106).*

### *Resultados e Discussão*

---

#### *Subtema 2 - A Violência Intrafamiliar*

*P*reocupa-nos que no seio da instituição familiar ainda ocorram situações, não raras, em que crianças e adolescentes continuem sendo violentados e maltratados por pessoas que concebemos como aquelas que têm o dever de protegê-las. Essas inter-relações deveriam se dar sob o

véu da confiança para propiciar a esses sujeitos, ainda frágeis e dependentes, um processo adequado de desenvolvimento em todas as dimensões.

Verificamos, em metade das entrevistadas, situações de violência física, negligência e violência sexual doméstica (incestuosa). Portanto, relacionamos as falas que contemplam tal contexto.

*“Meu pai e minha mãe me batia desde os 3 anos de idade e só pararam com 13 anos quando eu saí de casa, e aí nada mais me segurou. Eles batia na cara da gente, minha mãe me empurrou, ... era família que não tem amor igual as outras, que não tem carinho” (A3).*

#### *Resultados e Discussão*

---

*“Não é porque é novo, nem pequeno, ... nem grande merece, quanto mais os pequeno gente !!! E eu apanhava de fio, de borracha, de pneu, é ... de mangueira, de vara de guaxim, ...” (A3).*

*“Em parte foi né, por tudo que eu já passei com 8 anos de idade, o meu padrinho se masturbava e eu dormindo, e uma vez eu acordei e ele tava passando o pênis na minha bunda e gozando em mim, ... sabe e eu lembro disso e me dá uma dor no peito, e no meu coração uma mágoa ...” (A4).*

A violência intrafamiliar, aqui apresentada pelas falas, nos remete a discutir alguns aspectos conceituais acerca do contexto, compartilhando com Garbarino

(apud Azevedo & Guerra, 1989), que se expressa por “*atos de ação ou omissão advindos dos pais ou dos responsáveis, julgados a partir de uma mistura de valores da comunidade e da experiência profissional como sendo inapropriados e danificadores*” (p. 40).

Nesses atos de ação, verificamos um complexo dinâmico nas relações entre seus membros, ordenados em função dos papéis, poder e autoridade que exercem em seu cotidiano. Portanto, o papel de proteção perde espaço para que se concretizem as relações de poder (através do uso da força) e as relações assimétricas (desigualdade). A criança se torna vítima indefesa e impotente diante da grande descarga de agressividade do adulto.

#### *Resultados e Discussão*

---

Saffioti (1989) retrata esse contexto expondo que a sociedade ocidental é androcêntrica e adultocêntrica, em que a relação de dominação-exploração “*que se estabelece entre o homem, de um lado, e a mulher e criança, de outro lado, é de uma relação de poder. O adulto em geral, independentemente de seu sexo, detém poder sobre a criança*” (p.50).

Dessa forma, verificamos claramente a hierarquia de gênero e etária, em que permeia a idéia de inferioridade da criança e do adolescente em relação ao adulto. “*O homem adulto é o mais poderoso, e a criança é destituída de qualquer poder*” (Saffioti, 1989, p.51).

Adiante, a mesma autora analisa que as relações sociais de gênero altamente assimétricas, proporcionam aos homens um processo de socialização do macho onde há um certo culto à violência, impedindo que se manifeste em outros aspectos como o da afetividade, solidariedade, vulnerabilidade, entre outros.

Compartilhamos do fato de que o conteúdo das falas das entrevistadas não se restringe somente ao campo da violência física e sexual, extrapolando também para o campo da violência psicológica, propiciando um solo fértil para que se instale o processo de negação dos direitos que as crianças e adolescentes têm de serem concebidos como sujeitos em condições especiais de crescimento e desenvolvimento.

Quanto à violência sexual doméstica sofrida por uma das entrevistadas, Reis & Ferriani (2000) trazem alguns dados de um estudo de crimes sexuais em crianças e adolescentes do sexo feminino notificados pela Delegacia de Defesa da Mulher e comprovados pelo Núcleo de Perícia Médico-Legal em Ribeirão Preto, nos anos de 1998 e 1999, contribuindo para a evidência e confirmação de todo o contexto vivido.

#### *Resultados e Discussão*

---

Nesse estudo, 63,44% dos casos confirmados correspondem aos crimes de estupro e atentado violento ao pudor, com 34,95% de crianças e 28,96% de adolescentes.

Roque (2001) em um estudo sobre a violência na família contra crianças e adolescentes na Comarca de Jardinópolis - SP, no período de 1995 a 1999, confirma que na violência sexual “a maior porcentagem foi de crianças entre 7 a 10 anos com 37,5% todas do sexo feminino” (p.124) e relata que o pai e tio paterno aparecem com o maior contingente como agressores, seguido do vizinho, padrasto, irmão e agregado.

Em outro estudo realizado em Ribeirão Preto - SP, Ribeiro (2002) constatou números semelhantes, em que o grupo de crianças correspondeu com 58% do número de casos de violência sexual intrafamiliar, sendo o pai o agressor com maior percentual, seguido pelo padrasto, tio e irmão.

Em outra fala, podemos evidenciar uma outra forma de violência associada ao abuso sexual impetrado contra crianças e adolescentes:

*“E com doze anos de idade minha mãe me colocou num internato, só que o homem de lá também era sem vergonha, ... porque ele levava lá pro escritório dele e dava biscoito recheado, dava chocolate pra gente, ficava no pé da gente porque a gente era assim novinha, tinha 12 anos mais era bem formada já. E ele pegava no nosso seio, na nossa bunda assim, ... e ia pondo assim ... no meio das pernas da gente ...” (A3).*

#### *Resultados e Discussão*

---

Minayo (2002) analisa que uma das formas de expressão da violência estrutural é a institucionalização de crianças e adolescentes, pois se revela como uma forma de abandono e um regime interno que não vem de encontro com as práticas socializadoras e pedagógicas, necessárias para o pleno desenvolvimento de crianças e adolescentes. A autora refere que, em toda a história, várias instituições de caráter assistencial à criança e ao adolescente, “*revela não só a sua ineficácia, mas também a sua total incompetência para prover o crescimento e o desenvolvimento desses seres em formação*” (p.102).

Verardo et al. (1999) também compartilham do mesmo pensamento, retratando “*a falência das instituições que deveriam acolher a criança e o adolescente pobre*” (p.19).

Ao nosso ver, essas instituições deveriam estar em constante vigilância, através de práticas protetoras e estímulos construtores de boas experiências



emocionais com segurança e consistência, procurando integrar a família em todo esse processo. Mas na prática, o que se verificou foi uma verdadeira escola de desamor, violência, desrespeito e abuso do poder, ampliando e reforçando o quadro de episódios negativos e desestruturadores que já permeavam o cotidiano dessa adolescente.

A negligência foi uma outra forma de violência verificada na fala de uma das entrevistadas, em que suas necessidades não eram supridas pelo atendimento e valorização das queixas. Tal episódio fica claro através da seguinte fala:

#### *Resultados e Discussão*

---

*“[...] me pegar prá me levar num médico, isso eles nunca fizeram, sempre reclamei de um dor nas costas, e minha vó sempre me dizia que era normal, né. Que uma hora isso ia passar ... porque que eles nunca foram atrás? E até hoje eu tenho essa dor nas costas” (A4).*

Dessa forma, verificamos que todo esse contexto propicia, à criança e ao adolescente, formas de conceber as relações através da desconfiança, pois em vários momentos de suas vidas, essa confiança foi traída, transformando relações e espaços que supostamente seriam de apoio e segurança, em algo repleto de temor e insegurança (ABRÁPIA, 2001 e Saffioti, 1989).

As falas que se seguem, confirmam e finalizam a análise realizada.

*“Por isso que eu gosto da limpeza, a limpeza prá mim é fundamental na minha vida. Tudo tem que tá limpinho. [...] parente é os dente da gente! Assim mesmo de vez em quando, morde a língua da gente” (A3).*

*“Depois eu não sei se tudo isso que eu passei na minha vida, eu não tive força prá procurar outra coisa. [...] e todas as pessoas, a maioria dos homens que eu achava que ia me ajudar, o único objetivo deles era me levar prá cama, ... e eu fui tomando raiva, raiva, raiva, [...] eu escolhi essa sexualidade porque eu não suporto ter relação com homem ...” (A4).*

#### *Resultados e Discussão*

---

Com base no que foi analisado e discutido, verificamos que as condições do meio em que estavam inseridas essas crianças e adolescentes não propiciavam o estímulo para a adoção de comportamentos protetores, tornando-as vulneráveis frente às adversidades com as quais conviviam.

Os mecanismos resilientes não foram estimulados pelos membros familiares e não havia nenhuma pessoa nesse contexto que fizesse diferença frente a esses sujeitos, aos quais foram negadas as possibilidades de modificar, melhorar ou alterar o rumo das coisas.

A fragilidade e a desestruturação das relações interpessoais, no seio familiar, se portaram como solo fértil e fecundo para que as situações de violência ali se

instalassem e gerassem uma rede em cadeia de acontecimentos, favorecendo um baixo nível de auto-estima, evasão escolar, sentimentos de não-pertencimento e ausência de projetos de vida.

Heise (apud Ribeiro, 2002) aponta que há uma carência nos dados sobre as conseqüências das diversas formas de violência para a saúde de crianças e adolescentes, mas menciona uma fragilização “*em nível de auto-estima e auto-imagem, deixando-as desprotegidas, inseguras quanto ao seu valor e limites pessoais e ainda mais propensas a aceitar a vitimização como sendo parte da sua condição*” (p.76).

#### *Resultados e Discussão*

---

#### *4.2.2- Núcleo Temático 2*

#### *Prostituição: o cotidiano perverso*

C

onsideramos na análise deste núcleo temático, a gênese da prostituição, a forma como foi sendo estruturada e concebida pela sociedade, bem como as suas relações em seu interior e deste para com o mundo. Dessa forma, acreditamos que já temos uma noção de como vem sendo concebido o fenômeno através da história, para a partir desse contexto, conhecer a verdadeira experiência desse cotidiano perverso.

Acreditamos no fato de ser perverso, pois sob esse mundo de grandes ilusões e promessas, coexiste um véu que esconde a verdadeira realidade do seu cotidiano. Ideologias machistas, relações assimétricas nas desigualdades de gênero e idade, os diversos tipos de violência, carência das possibilidades de acesso para prover as necessidades básicas, entre outros, fazem parte integrante para o entendimento do cotidiano da exploração sexual feminina de adolescentes.

### *Resultados e Discussão*

---

Portanto, as falas que se seguem contemplarão uma série de situações vividas como integrante da experiência que tiveram na prostituição enquanto adolescentes, como também do atual momento.

*“[...] quando eu fiz o primeiro programa eu me lavei com álcool, eu sentia nojo, eu cheirava, eu tava sentindo o cheiro do homem, menina!!!” (A1).*

*“Começar com 15 anos foi bom e ruim, ... Ah, bom porque sei lá, eu conhecia pessoas diferentes, né, ... e ruim porque a gente tem que aprender certos tipos de relação que ... que dói, né? ...” (A2).*

*“[...] fazia os programas e tinha vezes que a gente chorava, porque eu não tinha maldade de ter que levar esse nome de ser garota de programa ...” (A3)*

*“Da primeira vez eu não sabia o que fazer, eu não sabia como conversar, ou que preço a expor, né, a minha pessoa, aí ... eu fiquei perdida” (A4).*

A forma como a prostituição foi citada pela terceira entrevistada, nos deixa claro que elas próprias carregam consigo todo um pensamento cristalizado pela sociedade. Gomes (1996), em sua análise sobre a prostituição no imaginário social, cita que *“[...] quase sempre predomina a imagem negativa das mulheres que utilizam esta prática. Por isso, a sua negação, de certa forma, revela a aceitação de valores morais vigentes”* (p.235).

#### *Resultados e Discussão*

---

Constatamos em todas as falas que a imaturidade ainda se faz presente pela própria idade em que se encontram, além de compartilharmos da idéia de que não se trata meramente de uma opção enquanto escolha, mas sim como uma única saída para aliviar as situações negativas que estavam vivendo, mesmo que ilusoriamente.

A dor e o choro relatados nas falas não tratam apenas de uma dor física, mas também uma dor e um choro que expressam sentimentos como a fragilidade, a impotência, o não-pertencimento do próprio corpo. Semelhança encontrada quando da necessidade de lavar o corpo com álcool, talvez como uma forma de se ver livre da situação a que esteve exposta e que não tinha o menor controle sobre ela.

Estar inserida em um novo meio implicaria em ter que adaptar-se a um novo modo de vida para o qual não estavam preparadas, tanto fisicamente como emocionalmente.

Contrariamente ao que pensávamos, não se trata apenas de um universo inserido na escuridão, com poucas perspectivas e ilusão de uma vida mais promissora. Trata-se também de um universo colorido, como ressaltam em sua obra Verardo et al. (1999), “[...] alegre, cheio de vida, luzes, música, risos, emoções, festas, desejos e prazeres” (p.12). Portanto, um mundo que contrasta sonhos e pesadelos.

Muitos foram os momentos de desabafo quanto ao cotidiano de suas vidas na prostituição, bem como as repercussões geradas e que ainda permeiam os seus sentimentos, potencializando uma série de problemas no processo de desenvolvimento das mesmas.

### *Resultados e Discussão*

---

*“Foi aquela coisa que eu joguei fora, eu paro, penso e falo, joguei tudo fora, ... minha adolescência, ... joguei a minha vida fora [...], eu acho talvez teria passado coisa melhor” (A1).*

*“ Tem hora que é boa essa vida, mas tem hora que tem que se esforçar também. [...] a gente tem que atender de qualquer jeito, ... atende pessoas legais, mais tem outras vezes que a gente atende uns clientes insuportáveis, tanto na conversa como na cama, nossa!!!” (A2).*

*“[...] a vida é muito difícil que a gente leva, não sabe quando que isso vai terminar, não tem nem previsão. Eu nunca procurei carinho em homem nenhum, era só transa e o corpo da gente” (A3).*

*“[...] a única coisa é ser dependente do prostíbulo, ficar a noite acordada e de dia, o dia inteiro dormindo sem saber o que fazer, ... o que procurar. [...] serviço? ... , precisa de referência, de 2º grau ou 1º grau completo, e eu sei lá o que é que eu faço” (A4).*

Nesses momentos, a ilusão se desfaz cedendo espaço para uma realidade que ali se encontra instalada, sem que se possa fazer algo para mudar o rumo das coisas. Elas se vêem somente enquanto pessoas que são obrigadas a seguir e a cumprir as normas e regras impostas pela autoridade do local, sentem-se completamente indefesas e frágeis para contestar.

#### *Resultados e Discussão*

---

Dessa forma, estamos diante de uma relação de dominação que o próprio meio propicia e de uma condição de dominado pelo sistema que rege o fenômeno da exploração sexual feminina de adolescentes, impedindo que outras atitudes sejam tomadas, até mesmo em pensamento. Contexto este que se encontra bem caracterizado ao analisarmos outras falas quanto às experiências que tiveram ao fazer os “programas” com os clientes e as situações em que são protegidas pelos gerentes e donos das casas e boates que ali se encontravam.

*“[...] procurei ele, aí falei prá ele que eu tava grávida, ... ele falou prá mim: se vira, você é profissional, eu ti paguei, ... ele não tinha me comido de graça!!!” (A1).*

*“Como eu era novinha, bonitinha, né ... os donos das casas disputavam e ... aí eu fui prá essa outra casa, aí ela me ajudou a fazer o aborto, ela comprou o remédio prá mim” (A1).*

*“Vamos ali que eu te dou dez reais, ... então foi ali, e ele disse camisinha não e eu camisinha sim, ... então tá bom, aí ele me virou no carro e tirou a camisinha que tinha colocado e veio [...] o pênis assim com a maior estupidez, [...] meus amigos falaram: aquele homem já estuprou várias meninas e não dá queixa dele porque não tem testemunha ...” (A3).*

### *Resultados e Discussão*

---

*“Aquele homem, ... no começo ele foi tão bonzinho, aí depois ele veio com brutalidade, [...] sem preservativo, que eu nem sei ... acho que foi força de Deus mesmo ... que fez eu destroncar o ombro dele e saí debaixo dele ...” (A4).*

Nesse cenário, as adolescentes vêm convivendo com a reprodução de um poder machista não só pela condição de ser mulher, mas também pela faixa etária em que se encontram e com o agravante de ser considerada uma prostituta.



A gênese da prostituição nos mostrou claramente como essas relações vieram se solidificando através dos tempos e que ainda permeiam no imaginário da sociedade. Verardo et al. (1999) confirmam esse contexto através da análise:

*“Numa sociedade não somente patriarcal, mas também sob o signo de uma moral maniqueísta que ainda continua dividindo as mulheres em boas – as esposas e mães cuja sexualidade está a serviço da procriação – e más – as prostitutas representadas pelo erotismo, portanto de forma negativa, desvalorizada e transgressora – nada mais permissivo que nela se exerça o poder do macho que vinga a sociedade quando transforma a mulher prostituta em coisa a ser usada e abandonada” (p.87).*

Portanto, essas adolescentes se classificam como excluídas tanto socialmente por serem em grande parte originadas de classes sociais menos favorecidas, como pelo fato de estarem na condição de “prostituta”, com o agravante de serem “menores”.

#### *Resultados e Discussão*

---

Esse mundo de negócios é citado por Saffioti (1989) que nos mostra que “*O que conta é explorar lucrativamente um negócio, quaisquer que sejam suas conseqüências para os seres humanos nele envolvidos na condição de subordinados*” (p.64).

Outra situação que verificamos nas falas é que há um “empregador” que tira proveito da circunstância que a adolescente está vivendo, propondo favores, apoio e ajuda que certamente gerarão trocas em detrimento de um trabalho cada vez menos digno, repleto de opressão, autoritarismo e exigências.

Podemos constatar e complementar essa discussão, pelas seguintes falas:

*“O problema é esse, você se acomoda, você tem casa boa, tem comida boa, tem dinheiro a hora que quer, ... . A nossa vida, a vida da garota de programa é igualzinha à do presidiário, a gente não vive entre as grades mas aqui dentro, ... a gente não existe perante qualquer um, cê entendeu?” (A1).*

*“[...] sabe aquela coisa assim você nunca imagina, e nem sonha que com trabalho você tem as coisas e vai deixando, deixando te levar e vai passando o tempo, vai passando os dias, os anos, as horas e você continua a mesma coisa ... por dentro, mais por fora você já envelheceu e os anos passaram e você nem viu ...” (A4).*

### *Resultados e Discussão*

---

*“Eu tenho medo todos os dias, eu tenho medo, medo, medo, ... medo de não chegar nunca mais, medo de alguém me violentar, como já tentaram, medo de outra pessoa tentar ter relação comigo sem preservativo, como já tentaram, ... Eu tenho medo toda vez que eu saio prá noite ... uma insegurança!” (A4).*

O fato de se acomodar está intimamente ligado a uma situação que reflete o que anteriormente não possuía. Dimenstein (1994), através da sua experiência, analisa o contexto de continuar na prostituição, em que:

*“[...] muitas meninas vêm na prostituição uma alternativa para serem livres. Fogem da opressão da casa paterna, onde não raro têm uma família desestruturada e, muitas vezes violenta. Ou tentam escapar de empregos maçantes e mal remunerados. Ter o seu próprio quarto e nutrir a ilusão de ganhar mais dinheiro torna-se uma poderosa sedução” (p.58).*

Portanto, apesar de perceberem que a prostituição não traz tudo o que realmente esperavam alcançar, ainda prevalece a esperança de poder conquistar um espaço que lhes proporcione segurança e afeto. Enfim, adaptaram-se a novos hábitos, não como um processo de escolha, mas como um processo que as obriga a aceitarem com resignação todo esse contexto em que estão inseridas.

Por outro lado, constatamos a presença da insegurança através do medo instalado ao se referir aos clientes e aos programas, situação esta confirmada por

#### *Resultados e Discussão*

Gomes (1996), em que *“as prostitutas sofrem inúmeros atos violentos por seus clientes”* (p.118). Complementa essa afirmação por outro estudo que, sem exceção, as prostitutas sofrem algum tipo de violência.

Outros relatos que influenciam e se relacionam com o contexto analisado, situando a aquisição de rendimentos financeiros para suprir suas necessidades e as suas expectativas, encontram-se abaixo relacionados:

*“[...] ganhei muito dinheiro, fui em muita roda de homem rico, ... só que eu não sube guardar dinheiro, sabe, eu gastei com roupa, com festa, ... só freqüentava aqueles lugares, eu gastei tudo e ... aí já vim direto prá casa mesmo ... prá rua” (A1).*

*“A gente vê que as coisas vem e vem dinheiro fácil, vai indo fácil e eu fui burra que eu nem juntei um dinheiro prá eu sair da bosta que eu tô hoje, não tinha idéia mesmo, e eu com 17 anos, ...” (A4).*

Esses relatos nos remetem a analisar que, em algum momento, os proventos financeiros são parte integrante do cotidiano da prostituição e o fato de não conseguirem guardar o dinheiro recebido pode estar associado a uma série de fatores.

Um deles atrelamos ao fato de que foi incorporada uma identidade imoral, precária e desviante dos padrões estabelecidos como norma em “nosso mundo”, sendo, portanto, banidas desse sistema como promíscuas, imorais e pervertidas, com

### *Resultados e Discussão*

---

o sentimento de que só teriam valor para a sociedade demonstrando que podem ter acesso aos padrões de consumo socialmente estabelecidos. Demonstrar que tem dinheiro e pode gastá-lo garantirá amizade, *status* para uma possível ascensão social e possibilidade de se consumir o que vem almejando.

Dessa forma, essa ascensão social não estaria vinculada somente ao pertencimento financeiro, mas ao pertencimento com laços afetivos mais sólidos estáveis e duráveis.

Outro fator se deve ao fato de se sentir como uma mercadoria. Apesar de permear sentimentos subjetivos como pessoas normais e, como consequência, ficam sem parâmetros, nem se sentem estruturadas para dar o devido valor ao dinheiro recebido. Este é um processo que vem, gradativamente em suas vidas, contribuindo para que se instale uma auto-estima degradada, onde o dinheiro acaba sendo gasto em futilidades que não sustentarão a vida futura.

Enfim, administrar os rendimentos financeiros, não estaria definido como um projeto planejado para médio ou longo prazo. E, para ilustrar e complementar:

*“Proposta, ... eu tive, fui para a praia, fui para vários lugares. [...] viajei bastante, como eu te falei, eu curti muito, só que hoje eu olho, paro e falo, ou se eu tivesse guardado meu dinheiro, eu poderia estar numa vida boa ...” (A1).*

### *Resultados e Discussão*

---

*“Me arrependo de hoje eu não ter aproveitado o que eu já ganhei hoje na prostituição, ... .[...] Já era prá mim tá bem e já ter saído da prostituição, ... era prá ter feito muito esforço, tá estudando e ter uma profissão hoje” (A4).*

A associação que é feita por uma das entrevistadas com a situação de um presidiário bem nos demonstra o sentimento de estarem presas, vinculadas a um sistema de opressão, que não lhes permite serem pessoas livres, donas legítimas de suas próprias vontades e necessidades. *“Vivem presas como se estivessem em cativeiro. Até garotas mais experientes, com passado na prostituição, são ludibriadas”* (Dimenstein,1994, p.20).

A presença constante e íntima com o mundo das drogas também fica evidenciada.

*“Ou você vai de um jeito, ou você passa fome, ou você vai roubar. Ou vai vender droga, e eu não quero, já fiz muito isso e eu não quero. [...] Lá , ... lá foi o buraco, ... eu tava entrando na droga, tava me acabando, ... eu já tava lá no poço. Consegui vim para cá, ... não é um lugar bom, mas é mil vezes melhor que lá. [...] agora a maconha eu não vou negar, ... se eu não fumar eu não consigo dormir, eu não consigo comer, ... porque eu viquei, agora o pó não, a química eu parei”* (A1).

### *Resultados e Discussão*

---

*“Tem gente que ganha o dinheiro, vai na esquina toma tudo, ou usa droga pesada, ... e eu não quero ficar assim. A hora que der fuma, não tem esse descontrolado. [...] Comecei fumar com 17 anos, e sabe como é, ... foi eu e uma colega, ... aí eu fumei e não parei mais e tô até hoje”* (A3).

*“Se eu quisesse um lugar prá eu dormir, eu tinha que ser avião. Comecei a passar pó pros outros ... tudo” (A4).*

Ao associar prostituição ao mundo das drogas, Verardo et al. (1999) consideram que:

*“a falta de oportunidades para a troca de experiências positivas e construtivas contribui para que o jovem permaneça em grupos que se assemelham pela ausência de críticas, tornando-se dessa forma vulneráveis a promessas de prazeres rápidos e intensos” (p.72).*

No trabalho que realizaram com meninas inseridas na prostituição, foi constatado que se trata de histórias comuns, com o intuito de fugir de uma realidade repleta de vazio, solidão, angústia e opressão. Referem que *“ melhor é viajar, para não conviverem com o vazio de suas vidas. [...] Melhor é embarcar nas drogas, nos entorpecentes que conseguem criar uma outra realidade”* (Verardo et al., 1999, p.72).

Mais uma constatação da relação do uso de drogas com a prostituição vem dos relatos da pesquisa realizada por Dimenstein (1994), em que:

### *Resultados e Discussão*

---

*“As prostitutas vêm servindo cada vez mais como avião, ou seja, aquele que transporta a mercadoria. Primeiro, se viciam. Depois, são obrigadas a traficar para sustentar o vício. A rede de prostituição se cruza e se confunde com a rede do tráfico de drogas” (p.18).*

A mesma constatação é feita por Gomes (1996) que menciona essa situação em outro estudo com adolescentes na prostituição em Santos, observando que a prostituição e o uso de drogas se reforçam mutuamente: “*A droga produz, de um lado, a iniciação e manutenção dessa prática e, de outro, colabora com o próprio tráfico de drogas. [...] há algumas que gastam tudo o que ganham com o consumo de drogas*” (p.177).

Em outro estudo realizado em Recife por Vasconcelos (apud Gomes, 1996), confirma o uso de drogas na prostituição e é considerado “[...] *como uma das formas de as meninas agüentarem a vida de rua*” (p.63). Realidade, portanto, advinda como uma maneira de aprender a lidar com situações de falta de controle sobre suas vidas, a vida de rua, na rua e na prostituição falando mais alto e gritante, calando sentimentos de uma forma velada e cruel.

Somente poderíamos, neste momento, falar de resiliência para as pessoas que vivem sob esse regime de opressão, através de constantes movimentos que adotassem mecanismos necessários para o enfrentamento desse contexto, visando, numa perspectiva multidisciplinar e intersetorial, à construção de uma ressignificação de suas vidas, embasadas na aquisição de uma auto-estima perdida,

### *Resultados e Discussão*

---

no fortalecimento e na confiança dos recursos pessoais com capacidade de estruturar e planejar projetos adaptados para cada um dos atores sociais envolvidos.

Há que se propiciar uma forma de fortalecimento para aprender e apreender um modo de identificar as situações de extrema opressão e se defenderem do autoritarismo e a relação de exploração a que são submetidas constantemente.



*Resultados e Discussão*

---

#### 4.2.3- Núcleo Temático 3 *Expectativas de futuro*

**A** pesar das experiências estarem repletas de situações de descaso, violência, abandono e negligência, pudemos verificar que os sonhos e anseios por uma vida mais digna ainda permeiam suas expectativas de realizações pessoais.

Relacionamos, nas falas das entrevistadas, vários relatos a respeito de seus ideais futuros, sempre atrelados ao viver fora da prostituição, depreciando esta condição de ser prostituta. Gomes (1996) também encontra relatos de depreciação da prática da prostituição: *“As meninas assimilaram a face do estigma da figura da prostituta e, em decorrência disto, discriminam-na, utilizando a depreciação”* (p.229).

#### *Resultados e Discussão*

---

*“Fora da prostituição eu penso em ter a minha casinha, arrumar um serviço, sabe? Porque eu sou inteligente, eu estudei, e ... convivi com muitas pessoas e aprendi muitas coisas” (A1).*

*“O que eu queria é ter a minha casa, minha família, né, sair dessa vida, porque tem hora que é bom essa vida, mais tem hora que já não é” (A2).*

*“A única coisa que eu quero é ter a minha casa e meus filhos por perto de mim, não precisa de marido e nem nada, ter um emprego. [...] tem que procurar um ideal pros filhos” (A3).*

*“A minha única expectativa hoje é ter paz de espírito, ah, ... sei lá ... e um meio social que eu não tenho, [...] queria ter sei lá, ... alguém como os outros ... de saber que eu vou reclamar e prá quem ..., como eu não tenho .... um colo, e não esse inferno que eu vivo hoje ...” (A4).*

Gomes (1996) encontra, em seu estudo, relatos que tratam dessa questão, em que o lar é concebido simultaneamente como rejeitado e desejado, discernindo certos tipos de lar sem desviar de seus ideais.

*“[...] o fato de as experiências no lar muitas vezes serem dolorosas não faz com que a vida no lar não seja almejada. Ao contrário, em muitos casos, a utopia de um lar é forjada constantemente no sentido de recuperar este espaço e/ou construir um outro que, mesmo tendo características diferentes, não deixe de ser nomeado por lar” (p.172).*

#### *Resultados e Discussão*

---

Dessa forma, vemos que independente dos arranjos familiares que venham a constituir, mesmo sem *marido*, continuam nutrindo a vontade de formar um lar, uma família, algo que lhes foi negado e interrompido.

Dimenstein (1994) também compartilha dessa idéia ao citar que *“muitas vislumbram a possibilidade de um salto, a chance de gerar uma família na sala em frente a televisão. Muitas nutrem a esperança de encontrar um príncipe encantado”* (p.26).

Constatamos também a associação com algum tipo de emprego que as façam sentir dignas do convívio não somente familiar, mas de um meio social que as incorpore na sociedade, com amigos e tudo aquilo que consideram como normais para se viver.

*“Eu queria ter a minha casinha, arrumar um serviço, sabe, ... mas o governo não dá esse direito prá gente, a sociedade, é ... a sociedade não abre as portas. Como a gente pode mudar? Eu acho que o governo, a sociedade é culpado da gente não mudar de vida. [...] Eu só acho que o governo tem que ajudar mais as pessoas”* (A1).

*“Aí eu fico aqui, ... que ela me ajuda no que ela pode e eu vou vivendo, (muito choro) ... prá poder achar um futuro melhor, ... me sinto fora do mundo, ... muita gente ajuda a gente, mas outros não, tudo eles criticam, falam mal, e nenhum homem qué a gente, [...]. A gente tem o mesmo sentimento, talvez até uma vida que a gente pode dar até uma vida e um valor mais sincero prá eles”* (A3).

### *Resultados e Discussão*

---

*“Eu queria viver de novo, era tudo o que eu queria, era nascer de novo, prá eu fazer tudo aquilo que eu deixei de fazer, só nascendo de novo”* (A4).

*“A gente não tem respeito, é vergonhoso até quando vai procurar um serviço, ... pô qual é a tua profissão? Ah eu sou do lar ... . Nem registro eu tenho, uma profissão sem registro. Aí até quando eu vou ficar na prostituição?”*  
(A4).

Diante dessas falas, observamos que essas jovens em seu íntimo, trazem à luz uma depreciação da prática da prostituição, considerando-se como desviantes dos valores morais tradicionais, não encontrando espaço para a aceitação da prostituta mesmo que esse contexto venha a ser parte do passado. Portanto, fica registrado que essas jovens introjetam a culpa de não serem dignas, formando uma barreira para a ascensão de futuras possibilidades em outro mercado de trabalho.

A sociedade, incorpora a naturalização dessas diferenças repletas de preconceitos, favorecendo que se aflore no senso comum tal contexto. Verardo et al. (1999) complementam esse raciocínio citando que:

*“[...] temos um sistema político regulamentando as diferenças naturais entre os homens, e, conseqüentemente o grande número de crianças abandonadas nas ruas não é responsabilidade do indivíduo, mas do Estado, da sociedade, enfim de entidades abstratas”* (p. 17).

### *Resultados e Discussão*

---

Para complementar, Gomes (1996) comenta que:

*“[...] é importante ressaltar que a sociedade em geral, tende a excluir os considerados diferentes, como crianças que vivem na rua, prostitutas e doentes mentais, por exemplo,*

*confinando-os em espaços delimitados fora de seu campo de visão, esperando com isto eliminá-los do convívio social”* (p. 150).

Diante do que foi exposto, confirmamos que a prática da prostituição não se integra na sociedade como um todo, sinalizando para o fato de que mesmo que essas jovens abandonem a prostituição, carregarão profundas marcas cristalizadas pela hegemonia oriundas de regras que se apresentam já estabelecidas.

Portanto, acreditamos que a sociedade deveria se portar como uma entidade capaz de mudar o rumo das coisas, pois juntamente com as atribuições do Estado, são responsáveis por fazer valer os direitos das crianças, adolescentes e mulheres assegurados judicialmente pela lei, que não contempla a exclusão.

Para finalizarmos, deixamos como reflexão as palavras de Verardo et al. (1999):

*“O imaginário da prostituta é constituído de vivências de morte. Morte social, pela percepção da exclusão de sua família do contexto da sociedade; morte de sua família, quando vivencia violências incestuosas; morte de seu eu, quando depara com as enormes dificuldades de ser socialmente aceita. A prostituta vivencia então escuridão, vazio, caos, indefinição e medo. Como consequência do impulso para a auto-conservação, ela tende a isolar-se em si mesma. [...] ela carregará o fardo de ser prostituta mesmo quando não estiver trabalhando. Ser prostituta é um estigma que marcará, real e simbolicamente, sua forma de ser e estar no mundo”* (p. 89).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Considerações Finais*

---

**A**o realizarmos o estudo sobre a prostituição feminina de adolescentes, verificamos que se faz necessário dimensioná-la como um fenômeno de exploração sexual.

Através da experiência vivida e relatada por adultas jovens, profissionais do sexo, que iniciaram a prática da prostituição na adolescência, pudemos apreender um conhecimento amplo, reflexivo e profundo, revelando sua verdadeira dimensão que se articula sob a ótica dos aspectos históricos, culturais, sociais, políticos e econômicos.

Em meio a todo esse contexto, foi possível uma análise fora dos padrões reducionistas, caracterizando a exploração sexual como unívoca, estática ou pontual, como uma justificativa para a sua existência em “nosso mundo”.

A consagração dos direitos da criança e do adolescente já se encontra assegurada em Lei, pelo Estatuto da Criança e do Adolescente, desde 1990, embora, em nosso cenário, ainda continuem a permear situações lamentáveis de agravo à saúde dos mesmos.



Verificamos, na exploração sexual feminina de adolescentes, a associação com as mais diversas formas de violência, tanto em seu cotidiano como nos fatores que determinaram o início precoce da sua prática.

De acordo com o que pressupomos no início, pudemos constatar no contexto familiar, a existência de uma grande zona de conflitos nas relações entre seus membros e na forma como estes vêm elaborando as situações adversas, tão presentes em nosso cotidiano.

Consideramos a instituição familiar desprovida de atenção no que se refere às possibilidades de acesso aos mais variados tipos de necessidades que poderiam propiciar sua plena estruturação, com vistas ao enfrentamento das adversidades e manutenção da harmonia em suas inter-relações.

A partir desse contexto, o desfecho se deu, ocasionando drástica e brutal ruptura dos laços afetivos, causando insegurança, medo e profundas transformações em todos os aspectos da vida dessas adolescentes.

Conforme pressupomos, encontramos uma grande lacuna provocada pela forma como foram vivenciadas as situações conflituosas e de abandono, morte materna e o convívio com os familiares, por não serem filhas biológicas de um dos pais, rompendo com as relações de confiança, respeito e afeto, provocando a perda de uma identidade individual e coletiva.

Encontramos episódios comuns nas gêneses das trajetórias, revelando grande carência na elaboração do luto pela perda da mãe, com duas entrevistadas, deixando clara a falta de união entre seus membros e a não-valorização dos sentimentos aflorados em tal situação.

A ausência de diálogo, informação e orientação, encontrada nos relatos de todas as histórias de vida, propiciou uma rede de conflitos entre seus membros, desestruturando as suas relações, provocando o afastamento do seio familiar e a evasão escolar, comprometendo o processo de crescimento e desenvolvimento dessas adolescentes, inclusive com agravos à saúde, quanto à forma como foi se estruturando a sexualidade das mesmas. E de acordo com o pressuposto, verificamos que essa tarefa de esclarecimentos se estabeleceu com pessoas alheias ao convívio familiar.

Consideramos haver prioridade e urgência para a compreensão da adolescência, fase especial que contempla especificidades próprias, cujo movimento pelas descobertas, curiosidade e anseio de informações na corrida pelo saber latejam a todo instante.

A violência intrafamiliar, de acordo com o pressuposto, foi identificada nos relatos de duas entrevistadas, através de situações de abuso sexual, negligência e violência física, evidenciando uma verdadeira escola de desamor, desrespeito, abuso do poder e a hierarquia etária e de gênero.

Essas situações, conforme foram pressupostas, proporcionaram às adolescentes um sentimento de inferioridade e desconfiança em relação ao adulto e novamente se acrescem os fatores determinantes para a ruptura das relações familiares, que deveriam servir de apoio e segurança, impulsionando essas adolescentes ainda frágeis e dependentes, para a saída dos seus lares de origem, como uma forma de fugir da opressão e iniciar a procura por um lugar de acolhimento, mesmo que ilusoriamente.

Inseridas na prostituição e sendo exploradas sexualmente, vemos ampliadas as situações de agravo às adolescentes, se afirmando como um meio repleto de adversidades em seu cotidiano, reproduzindo situações de violência, relações de dominação/exploração, inserção no uso, abuso e tráfico de drogas, favorecendo novamente o convívio com a opressão, obrigando-as a viver resignadas e sem perspectivas que as impulsionem à procura de um lugar mais digno de se viver.

As expectativas de futuro estão presentes em todos os relatos, confirmando o pressuposto e identificando como anseio prioritário ter e pertencer a um núcleo familiar, ter um emprego e sair da prostituição.

Verificamos, frente à luz dos resultados e discussões realizadas, a necessidade de uma atuação no sentido de impedir que mais adolescentes iniciem a prática da prostituição, através de intervenções que fortaleçam esses atores sociais e programas que visem a melhor instrumentalizar as famílias e seus membros para o enfrentamento de situações adversas que permeiam suas vidas.

Outra necessidade é propiciar um novo olhar para o fenômeno da exploração sexual feminina de adolescentes, com vistas ao planejamento e implantação de serviços para essas adolescentes, visando a uma perspectiva multidisciplinar e intersetorial, na adoção de intervenções que promovam a construção de uma ressignificação de suas vidas, aquisição da auto-estima perdida, fortalecimento e confiança dos recursos pessoais, adaptados para cada um dos atores sociais envolvidos, relevando os aspectos subjetivos individuais e coletivos.

*ANEXOS*

**ANEXO A**

## Aspectos a serem contemplados na História de Vida.

### 1- IDENTIFICAÇÃO – ( A \_\_ )

Sexo:

Idade:

Grau de escolaridade:

Procedência:

Estado civil:

Filhos:

Idade que iniciou a prostituição:

Local que iniciou e tipo de prostituição:

Local de trabalho atual:

Tempo na prostituição:

Se não ininterrupto, por quanto tempo parou:

### 2- ASPECTOS NORTEADORES DA ENTREVISTA:

- Motivos facilitadores para ter iniciado a prática da prostituição na adolescência;
- Medidas de prevenção das DSTs/Aids no início da prática e atualmente;
- Significado da prostituição na adolescência como uma adulta jovem;
- Expectativa de futuro.

## ANEXO B

**Título da Pesquisa:**  
**Prostituição de Adolescentes: Uma Imagem  
 Construída na Adversidade da Sociedade**

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

A pesquisa tem como objetivo analisar o problema da prostituição feminina de adolescentes a partir dos depoimentos de adultas jovens profissionais do sexo para se compreender os motivos, as características e os problemas de saúde das adolescentes expostas à prática da prostituição.

**São direitos das entrevistadas:**

1. Os depoimentos serão gravados em fita cassete, com a autorização prévia das pessoas entrevistadas, sendo que a gravação poderá ser ouvida ao final, se a pessoa o desejar, no sentido de confirmar o depoimento ou solicitar a retirada de partes.
2. As entrevistadas poderão fazer qualquer pergunta ou pedir esclarecimento sobre a pesquisa e retirar seu consentimento a qualquer momento, deixando de participar do estudo sem que isto lhe traga qualquer prejuízo.
3. Será preservada a identidade e a privacidade da entrevistada.
4. Caso haja danos, a entrevistada poderá recorrer à legislação para reparo dos mesmos.
5. Não haverá riscos nem desconforto, ou gestos de qualquer natureza.

**Eu, \_\_\_\_\_,**  
**abaixo assinado confirmo ter recebido as informações sobre a pesquisa a ser desenvolvida e autorizo a minha participação, ciente dos direitos acima relacionados.**

**Ribeirão Preto, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.**

\_\_\_\_\_  
 ASSINATURA

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

*Referências Bibliográficas*

---

ABRAPIA. Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e Adolescência. **Capacitação na temática do abuso sexual e exploração sexual contra crianças e Adolescentes** – Instrumentalizando uma prática. Rio de Janeiro, 2001, 66p.

ALVES, P. C. A experiência da enfermidade: considerações teóricas. **Cadernos de Saúde Pública**. Rio de Janeiro, v.9, n.3, p.263-271, jul/set, 1993.

ALVES, S. Prostituição e sonhos em alto mar. **O Estado do Maranhão**. São Luís, 15 abr. 2001. Caderno Cidade, esporte e estado, p.1.

AYRES, J. C. M. O Jovem que buscamos e o encontro que queremos ser. In: TOZZI, D. A. **Papel da educação na ação preventiva abuso de drogas e as DST/ Aids** – São Paulo: FDE – Fundação para o Desenvolvimento da Educação. (Série Idéias, 29), 1996, p.25-42.

AZEVEDO, M. A.; GUERRA, V. N. A. Vitimação e vitimização: questões conceituais. In: \_\_\_\_\_. **Crianças vitimizadas: a síndrome do pequeno poder**. São Paulo, Iglu Editora, 1989, p.25-47.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1979, 225p.



*Referências Bibliográficas*

---

BILAC, E. D. Sobre as transformações nas estruturas familiares no Brasil. Notas muito preliminares. In: RIBEIRO, A. C. T. (org.) **Família em processos contemporâneos: inovações culturais na sociedade brasileira**. São Paulo: Loyola, 1995, p.43-61.

BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Saúde e desenvolvimento da juventude brasileira**. Construindo uma agenda nacional. Brasília. 1999, 21p.

BRASIL. Ministério da Saúde. Boletim Epidemiológico – Aids. Tabela XII – **Casos de aids, óbitos e letalidade informada em indivíduos com 13 anos ou mais, segundo o sexo, razão de sexo e ano de diagnóstico**. Brasil 1980-2002. Ano XVI, n.01, 14 a 52 Semanas Epidemiológicas, abril a dezembro. 2002a.

BRASIL. Ministério da Saúde. Boletim Epidemiológico – Aids. Tabela XIII: **Casos de Aids nos 100 municípios com maiores números de casos notificados, segundo ano de diagnóstico**. Brasil 1980-2002. Ano XVI, n.01, 14 a 52 Semanas Epidemiológicas, abril a dezembro. 2002b.

BRASIL. Ministério da Saúde. Boletim Epidemiológico – Aids. Tabela II: **Casos de aids em indivíduos do sexo masculino e feminino, segundo faixa etária e ano de diagnóstico**. Brasil, 1980-200. Ano XVI, n.01, 14 a 52 Semanas Epidemiológicas, abril a dezembro. 2002c.

BUENO, S. M. V.; MAMEDE, M. V. Comportamento das profissionais do sexo relacionado as DSTs e a Aids. **Jornal Brasileiro das Doenças Sexualmente Transmissíveis**, v. 9, n. 3, p. 4-9, mai-jun. 1997.

CAMPOS, J. O.; FALEIROS, E. T. S. (Org.) **Repensando os conceitos de violência, abuso e exploração sexual de crianças e adolescentes**. CECRIA: Brasília, 2000, 66p.

*Referências Bibliográficas*

---

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. 4.ed. São Paulo: Cortez, 2000, 164p.

CHODOROW, N. Estrutura familiar e personalidade feminina. In: ROSALDO, M. Z. & LAMPHERE, L. (Org.) **A mulher, a cultura, a sociedade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979, p.65-94.

CORBETT, N. Q. **A prostituta sagrada**: a face eterna do feminino. Tradução Isa F. Leal Ferreira. São Paulo: Paulus, 1990, 218p.

DIMENSTEIN, G. **Meninas da noite**: a prostituição de meninas- escravas no Brasil. 11.ed. São Paulo: Ática, 1994, 161p.

ENGEL, M. G. O médico, a prostituta e os significados do corpo. In: VAINFAS, R. **História e sexualidade no Brasil**. Rio de Janeiro: Graal, 1986, p.169-190.

FALEIROS, V. P. A violência sexual contra crianças e adolescentes e a construção de indicadores: a crítica do poder da desigualdade e do imaginário. In: LEAL, M. F. P.; CÉSAR, M. A. (Org.). **Indicadores de Violência Intra-Familiar e Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes**. (Relatório Final da Oficina). CECRIA – Centro de Referência, Estudos e Ações sobre Crianças e Adolescentes. Brasília, 1998, p.7-18.

FARINHA, M. G. **Adolescente profissional do sexo**: encantos e desencantos da maternidade. 2001. 144p. Dissertação de Mestrado (Psicologia). Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ribeirão Preto – Universidade de São Paulo. Ribeirão Preto – S.P.

*Referências Bibliográficas*

---

GARCIA, I. Vulnerabilidade e resiliência. In: **Adolescência Latino Americana:** revista científico-cultural multidisciplinar bilingüe. Porto Alegre. v. 2, n. 3, p.128-130, abr. 2001.

GOMES, R. Prostituição infantil: uma questão de saúde pública. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v.10, n.1, p. 58-66, jan./mar. 1994.

GOMES, R. **O corpo na rua e o corpo da rua:** a prostituição infantil feminina em questão. São Paulo: Unimarco Editora, 1996, 284p.

HAGUETTE, T. M. F. **Metodologias qualitativas na sociologia.** 6. ed. Petrópolis: Vozes, 1999, 224p.

HAZEU, M.; FONSECA, S. Exploração e violência sexual contra crianças e adolescentes no Pará. In: LEAL, M. F. P.; CÉSAR, M. A. (Org.). **Indicadores de Violência Intra-Familiar e Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes.** (Relatório Final da Oficina). CECRIA – Centro de Referência, Estudos e Ações sobre Crianças e Adolescentes. Brasília, 1998, p.33-43.

IBGE. **Censo Demográfico 2000** - Resultados do universo.

IBGE. **Populações residentes estimadas**, segundo os municípios. 1º de julho de 2001.

IOSSI, M. A. **Aprender brincando:** a percepção de alunos adolescentes sobre grupos de orientação sexual. 2000. 131p. Dissertação de Mestrado (Enfermagem em Saúde Pública) – Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto – S.P.

*Referências Bibliográficas*

---

KIRSCH, J. **As prostitutas na bíblia**: algumas histórias censuradas. Trad. de Roberto Raposo. Rio de Janeiro: Record/Rosa dos Tempos, 1998, 374p.

LÉVI-STRAUSS, C. A família. In: SHAPIRO, H. L. (Org.) **Homem cultura e sociedade**. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1966, p.125-150.

LINDSTRÖM, B. O. Significado de resiliência. In: **Adolescência Latino Americana**: revista científico-cultural multidisciplinar bilingüe. Porto Alegre. v. 2, n. 3, p.133-137, abr. 2001.

MARCÍLIO, M. L. A lenta construção dos direitos da criança brasileira – Século XX. **Revista USP**, São Paulo, n.37, p. 46-57, março/maio. 1998.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 6. ed. São Paulo: Hucitec; Rio de Janeiro: Abrasco, 1999, 269p.

\_\_\_\_\_. O significado social e para a saúde da violência contra crianças e adolescentes. In: WESTPHAL, M. F.(Org.). **Violência e Criança**. São Paulo: Edusp, 2002. p.95-124.

MONESI, A. A. Adolescência e vivência da sexualidade. In: RIBEIRO, M. (org.). **Educação Sexual**: novas idéias, novas conquistas. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1993, p.91-100.

MUNIST, M. et al. El concepto de resiliencia. In: \_\_\_\_\_. **Manual de identificación y promoción de la resiliencia en niños y adolescentes**. Organización Panamericana de la Salud. Organización Mundial de la Salud. Set, 1998, p.07-17.

*Referências Bibliográficas*

---

MUSZKAT, M. E. Violência de gênero e paternidade. In: ARILHA, M.; RIDENTI, S. G. U.; MEDRADO, B. (Org.) **Homens e masculinidade**. São Paulo: ECOS, 1998, p.215-233.

PERES, V. L. A. Concepções de família em população de periferia urbana. In: SOUZA, S. M. G. **Infância, Adolescência e Família**. Goiânia: Cânone Editorial, 2001, p.217-230.

PEREZ, A. F. O filho primogênito: suas características e seus relacionamentos no contexto familiar. In: WAGNER, A. (Coord.) **A Família em Cena: Tramas, Dramas e Transformações**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2002, p.113-131.

PREDEBON, J. C. Conversando sobre sexo na família com os filhos adolescentes. In: WAGNER, A. (Coord.) **A Família em Cena: Tramas, Dramas e Transformações**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2002, p.159-171.

REIS, J. N.; FERRIANI, M. G. C. Caracterização de crimes sexuais em crianças e adolescentes do sexo feminino notificados pela Delegacia de Defesa da Mulher e comprovados pelo Núcleo de Perícia Médico-Legais de Ribeirão Preto-SP, nos anos de 1998 a 1999. /mimeo./, 2000.

RIBEIRO, M. A. **Violência sexual intrafamiliar contra crianças e adolescentes: estudo realizado no Centro de Referência da Criança e do Adolescente e nos Conselhos Tutelares no município de Ribeirão Preto – SP**. 2002. 154p. Dissertação de Mestrado (Enfermagem em Saúde Pública) – Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto – S.P.

RIBEIRO, M. **Educação Sexual: novas idéias, novas conquistas**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1993, 413p.

*Referências Bibliográficas*

---

ROBERTS, N. **As prostitutas na história**. Trad. De Magda Lopes. Rio de Janeiro: Record/Rosa dos Tempos, 1998, 430p.

RODRIGUES JR., O. M. Os conflitos sexuais na adolescência. In: RIBEIRO, M. (org.). **Educação Sexual: novas idéias, novas conquistas**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1993, p.101-111.

ROMANELLI, G. Família de classes populares: socialização e identidade masculina. **Cadernos de Pesquisa NEP**, Campinas, v. III, n.1-2, p.25-34, 1997.

ROQUE, E. M. S. T. **A violência na família contra crianças e adolescentes e a percepção dos operadores de direito, na Comarca de Jardinópolis – S.P.** 2001. 226p. Dissertação de Mestrado (Enfermagem em Saúde Pública) – Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto – S.P.

ROSALDO, M. Z.; LAMPHERE, L. Introdução. In: \_\_\_\_ (Org.) **A mulher, a cultura, a sociedade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979, p.17-32.

ROSENTHAL, G.; KNOBEL, M. O pensamento no adolescente e no adolescente psicopático. In: ABERASTURY, A.; KNOBEL, M. **Adolescência normal**. Um enfoque psicanalítico. Tradução de Suzana Maria G. Ballve. 9.ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

ROSSIAUD, J. **A prostituição na Idade Média**. Trad. Cláudia Schilling. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991, 224p.

SAFFIOTI, H. I. B. Exploração sexual de crianças. In: AZEVEDO, M. A., GUERRA, V. N. A. **Crianças vitimizadas: a síndrome do pequeno poder**. São Paulo, Iglu Editora, 1989, p.49-95.

*Referências Bibliográficas*

---

SAITO, M. I. Adolescência, Cultura, Vulnerabilidade e Risco. A prevenção em questão. In: SAITO, M. I.; SILVA, L. E. V. **Adolescência: prevenção e risco**. São Paulo: Atheneu, 2001, p.33-38.

SÃO PAULO. GOVERNO DO ESTADO. **Direitos da criança e do adolescente**. São Paulo: Governo de São Paulo, 1993.

SEIXAS, A. H. Abuso sexual na adolescência. In: SCHOR, N.; MOTA, M. S. F. T.; BRANCO, V. C. (Org.). **Cadernos Juventude, Saúde e Desenvolvimento**. Brasília: Ministério da Saúde, Secretaria de Políticas de Saúde, 1999, p.117-135.

SILVEIRA, G. T. Entrevista: Equipe da Gerência de Desenvolvimento de Projetos. In: SÃO PAULO: FDE – **Papel da educação na ação preventiva ao abuso de drogas e às dst/Aids**. (Série Idéias, 29), 1996, p.11-14.

SILVEIRA, S. C. A Família é para todos? A perspectiva de meninos institucionalizados. In: WAGNER, A. (Coord.). **A Família em Cena: Tramas, Dramas e Transformações**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2002, p.54-74.

SIMON, C. P. **Prostituição juvenil feminina: uma abordagem compreensiva**. 1999. 205p. Dissertação de Mestrado (Psicologia). Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ribeirão Preto – Universidade de São Paulo. Ribeirão Preto – S.P.

SUPLICY, M. et al. **Guia de orientação sexual. Diretrizes e metodologia**. São Paulo, Casa do Psicólogo, 1994. 112p.

TORRES, G. V. et al. Prostituição: causas e perspectivas de futuro em um grupo de jovens. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**. Ribeirão Preto. v.7, n.3, p.9-15, julho, 1999.

*Referências Bibliográficas*

---

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais:** a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo, Atlas, 1987. 175p.

URIBE ZÚÑIGA, P. E. **La comercialización del erotismo:** la prostitución. México: Consejo Nacional de Población, 1994, p.761-94.

VERARDO, M. T.; REIS, M. S. F.; VIEIRA, R. M. **Meninas do porto:** mitos e realidade da prostituição infanto-juvenil. São Paulo: O Nome da Rosa, 1999. 144p.

YUNES, M. A. M.; SZYMANSKI, H. Resiliência: noção, conceitos afins e considerações críticas. In: TAVARES, J. (Org.). **Resiliência e Educação.** 2 ed. São Paulo: Cortez, 2001, p.13-42.



---

**AUTORIZAÇÃO**

Autorizo a reprodução e/ou divulgação total ou parcial da presente obra, por qualquer meio convencional ou eletrônico, desde que citada a fonte.

Stella Maris Nogueira Botelho

---

Centro de Referência “Dr. José Roberto Campi” - Unidade de Prevenção  
Programa Municipal DST/Aids

Local: Ribeirão Preto – SP

Endereço: Rua Abílio Sampaio, 637 – Vila Virgínia

Email: [stellabotelho18@yahoo.com.br](mailto:stellabotelho18@yahoo.com.br)